

ENRIQUECENDO-SE
COM A
Bíblia

A. W. PINK

Enriquecendo-se com a Bíblia

Direitos Autorais © 2022 Legado Reformado.

Título original: *Profiting from the Word*

Originally published in English by GraceGems!

Legado Reformado em Parceria com Legado Puritano

Legado Reformado

www.legadoreformado.com

Produção Editorial:

Editor: Henrique Curcio

Tradução: Silvio Dutra

Revisão : Jacqueline Moura

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo qualquer indicação específica. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto nos casos de breves citações contidas em artigos ou revistas. Direcione sua solicitação ao editor no seguinte endereço: permissões@legadoreformado.com.

Siga nosso Instagram:

www.instagram.com/legadoreformado/

Audiobooks do Legado Reformado

Link do nosso Spotify

<https://spoti.fi/3FXSzEH>

Link do nosso canal no Youtube

<https://www.youtube.com/@legadoreformado6520>

Mídias Sociais e outros Links

Link do nosso Site:

<https://www.legadoreformado.com>

Link do nosso Instagram:

<https://www.instagram.com/legadoreformado/>

Link dos nossos livros na Amazon:

<https://amzn.to/3PFijjN>

Como ajudar nosso ministério

Nosso foco é glorificar a Deus e abençoar nossos irmãos em Cristo com nossas traduções. Por esse motivo decidimos fazer todo o nosso conteúdo digital de maneira gratuita. **Caso você deseje ajudar o nosso ministério, você poderá:**

1. Seguir nosso Instagram:
www.instagram.com/legadoreformado/
2. Comprar uma cópia física;
3. Fazer uma doação para o Pix: CNPJ 47.268.109/0001-78;
4. Traduzir, Revisar ou Narrar
(contato@legadoreformado.com)
5. Deixar uma avaliação no site da Amazon, para que outras pessoas possam saber sobre esse conteúdo gratuito.

Oremos para que Deus possa usar esse conteúdo para edificar a Sua Igreja.

Que Deus o abençoe.

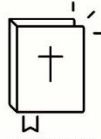
ÍNDICE

AUDIOBOOKS DO LEGADO REFORMADO	1
MÍDIAS SOCIAIS E OUTROS LINKS	1
COMO AJUDAR NOSSO MINISTÉRIO	2
ÍNDICE	3
1. AS ESCRITURAS E O PECADO	5
2. AS ESCRITURAS E DEUS	21
3. AS ESCRITURAS E CRISTO	42
4. AS ESCRITURAS E ORAÇÃO	59
5. AS ESCRITURAS E BOAS OBRAS	78
6. AS ESCRITURAS E OBEDIÊNCIA	95
7. AS ESCRITURAS E O MUNDO	112
8. AS ESCRITURAS E AS PROMESSAS	127
9. AS ESCRITURAS E A ALEGRIA	144
10. AS ESCRITURAS E O AMOR	162
QUEM FOI A. W. PINK?	178
OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS	186

“Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos.

Amém!”

(1 Tm 1:17)



1. As Escrituras e o Pecado

Há razões graves para acreditar que muitas das leituras e estudos bíblicos dos últimos anos não tem tido proveito espiritual para aqueles que se envolveram em tal labuta. Sim, vamos mais longe. Nós tememos que em muitos casos, tais práticas se tornaram maldição em vez de bênção. Estamos bem cientes que esta é uma linguagem forte. Presentes divinos podem ser mal utilizados, e misericórdias divinas podem ser abusadas. Que isso tem sido assim na presente era é evidente pelos frutos produzidos. Até mesmo o homem natural pode

ENRIQUECENDO-SE COM A BÍBLIA

se dedicar ao estudo das Escrituras com o mesmo entusiasmo e prazer que ele se dedica ao estudo das ciências. Onde este é o caso, sua parcela de conhecimento é aumentada, e assim também é seu orgulho. Como um químico engajado em fazer interessantes experimentos, o pesquisador intelectual da Palavra é bastante exultante quando ele faz alguma descoberta; mas a alegria desta descoberta não é mais espiritual do que a alegria de uma nova descoberta na ciência. Mais uma vez, assim como os sucessos do químico geralmente aumentam seu senso de auto importância e fazem com que ele olhe com desdém sobre os outros mais ignorantes, então infelizmente, é frequentemente o caso com aqueles que investigam a Bíblia, tipologia, profecia e outros assuntos desse tipo.

A Palavra de Deus pode ser vasculhada por vários motivos. Alguns a leem para satisfazer seu orgulho literário. Em certos círculos, tornou-se respeitável e popular obter um conhecimento geral sobre o conteúdo da Bíblia simplesmente porque é considerado como um defeito educacional ser ignorante em tal assunto. Alguns a leem para satisfazer seu senso de curiosidade, como qualquer outro livro de notas. Outros a leem para

satisfazer seu orgulho. Eles consideram um dever ser bem versado nos princípios particulares de sua própria denominação e assim procuram ansiosamente por textos que servem como prova em apoio às doutrinas que eles creem. Também há outros que a leem com o propósito de ser capaz de argumentar com sucesso contra aqueles que diferem deles. Mas em tudo isso não há pensamento sobre Deus, nenhum anseio por edificação espiritual, e, portanto, nenhum benefício real para a alma.

De que, então, consiste um verdadeiro proveito da Palavra? Por acaso, 2 Timóteo 3:16,17 não fornece uma resposta clara à nossa pergunta? Lá lemos: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. As Escrituras Sagradas não nos recebem para gratificação intelectual e especulação carnal, mas para capacitar para “toda boa obra”, ensinando-nos, reprovando-nos e corrigindo-nos. Vamos nos esforçar para amplificar isso com a ajuda de outras passagens.

Um indivíduo é espiritualmente engrandecido

quando a Palavra acusa nosso pecado. Esta é a primeira função da Palavra de Deus: Revelar nossa depravação, expor nossa maldade, tornar conhecida nossa imundície. A vida moral de um homem pode ser irrepreensível, suas relações com seus companheiros sem falhas; mas quando o Espírito Santo aplica a Palavra ao seu coração e consciência, abrindo seus olhos cegos para ver a sua relação e atitude com Deus, ele grita: “Ai de mim! Estou perdido” (Is 6:5). É desta forma que cada alma verdadeiramente salva é trazida a compreender a sua necessidade de Cristo. “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes” (Lc 5:31). No entanto, não é até que o Espírito aplique a Palavra, pelo Poder Divino, que o indivíduo é levado a sentir que ele está doente até a morte.

Tal convicção que traz para o coração as terríveis devastações que o pecado tem feito na constituição humana não deve se restringir à experiência inicial que imediatamente precede a conversão. Cada vez que Deus abençoa Sua palavra ao meu coração, eu sou levado a sentir o quão longe eu estou do padrão que Ele estabeleceu para mim, que é: “Tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento” (1

Pe 1:15). Aqui, então, é o primeiro teste a ser aplicado: Ao ler sobre as tristes falhas de diferentes personagens nas Escrituras, isso me faz perceber o quão tristemente depravado eles e eu somos? Ao ler sobre a vida abençoada e perfeita de Cristo, isso me faz reconhecer o quão terrivelmente diferente d'Ele eu sou?

Um indivíduo é espiritualmente engrandecido quando a Palavra o faz sentir tristeza pelo pecado. Do ouvinte que se assemelha a uma terra pedregosa é dito que ele “ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo” (Mt 13:20,21); mas daqueles que foram condenados sob a pregação de Pedro é registrado que compungiu-se-lhes o coração (At 2:37). O mesmo contraste existe hoje. Muitos ouvirão um sermão florido sobre as verdades bíblicas, que exhibe poderes oratórios ou exhibe a habilidade intelectual do orador, mas que, geralmente, não contém nenhuma aplicação à consciência. É recebido com aprovação, mas ninguém é humilhado diante de Deus ou levado a uma caminhada mais próxima com Ele através de tal sermão.

Mas deixe um servo fiel do Senhor (que pela graça não está procurando adquirir uma reputação por seu brilho) trazer o ensino das Escrituras para evidenciar os

tristes fracassos que até mesmo o melhor do povo de Deus pode cometer, e, embora a multidão despreze o mensageiro, o verdadeiramente regenerado será grato pela mensagem que o faz chorar diante de Deus e gritar: “Oh, homem miserável que sou.” Na pregação e leitura da Palavra o Espírito Santo aplica tais verdades de tal forma que eu sou levado a ver e sentir a minha corrupção interior e que eu sou realmente abençoado.

Que palavra é essa em Jeremias 31:19: “Na verdade, depois que me converti, arrependi-me; depois que fui instruído, bati no peito; fiquei envergonhado, confuso, porque levei o opróbrio da minha mocidade”. Você, meu leitor, sabe alguma coisa de tal experiência? Seu estudo da Palavra produz um coração partido e leva a uma humilhação de si mesmo diante de Deus? Condena-o por seus pecados de tal forma que você é levado ao arrependimento diário diante dele? O cordeiro pascoal teve que ser comido com “ervas amargas” (Ex 12:8); então, como realmente nos alimentamos da Palavra, o Espírito Santo torna-a “amarga” para nós antes que se torne doce ao nosso gosto.

Note a ordem em Apocalipse 10:9: “Fui, pois, ao

anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como mel”. Esta é sempre a ordem experimental: deve haver luto antes do conforto (Mt 5:4); humildade antes de exaltação (1 Pe 5:6).

Um indivíduo é espiritualmente engrandecido quando a Palavra o leva a confissão do pecado. As Escrituras são proveitosas para “reprovação” (2 Tm 3:16), e uma alma honesta reconhecerá suas falhas. Do carnal se diz: “Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras” (Jo 3:20). “Deus seja misericordioso para comigo, um mero pecador” é o grito de um coração renovado toda vez que somos confrontados pela Palavra (Sl 119). Todas as vezes que somos confrontados pelo Palavra, há uma nova revelação para nós e uma nova autoria por nós de nossas transgressões diante de Deus. “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv 28:13). Não pode haver prosperidade espiritual ou frutificação (Sl 1:3) enquanto escondemos dentro de nossos seios nossos

segredos culpados. Apenas quando eles são confessados diante de Deus que podemos desfrutar de Sua misericórdia.

Não há paz real para a consciência e nenhum descanso para o coração enquanto enterramos o fardo do pecado inconfessável. O alívio vem quando se chama a Deus. Marque bem a experiência de Davi: “Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio” (Sl 33:3,4). Essa linguagem figurativa, mas forçada, é ininteligível para você? Ou sua própria história espiritual explica isso?

Há muitos versos das Escrituras que nenhum comentário é capaz de satisfazer o que a experiência pessoal pode interpretar satisfatoriamente. Abençoado de fato é a confissão do salmista: “Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado” (Sl 32:5).

Um indivíduo é espiritualmente engrandecido quando a Palavra produz nele um ódio mais profundo ao pecado. “Vós que amais o Senhor, detestai o mal” (Sl

97:10).

“Não podemos amar a Deus sem odiar o que Ele odeia. Nós não somos chamados apenas para evitar o mal, e recusar-se a continuar nele, mas devemos estar em pé, armados contra ele, e carregar contra ele uma indignação saudável” (C. H. Spurgeon).

Um dos testes mais certos para verificar a conversão professada é a atitude do coração em relação ao pecado. Onde o princípio da santidade foi plantado, haverá necessariamente um ódio por tudo o que é profano. Se nosso ódio ao mal for genuíno, somos gratos quando a Palavra reprova até mesmo o mal que suspeitamos que não cometemos. Esta foi a experiência de Davi: “Por isso, tenho por, em tudo, retos os teus preceitos todos e aborreço todo caminho de falsidade” (Sl 119:128). Observe bem, não é apenas “tenho por tudo, retos os teus preceitos”, mas “eu aborreço todo caminho”; não apenas “alguns” ou “muitos”, mas “todo caminho de falsidade”. Mas é o oposto com os ímpios: “De que te serve repetires os meus preceitos e teres nos lábios a minha aliança, uma vez que aborreces a disciplina e rejeitas as minhas palavras?” (Sl 50:16, 17). Em

Provérbios 8:13, lemos: “O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal”, e esse medo divino vem através da leitura da Palavra (veja Dt 17:18,19). Com razão foi dito:

“Até que o pecado seja odiado, ele não pode ser mortificado; você nunca vai chorar contra ele, como os judeus fizeram contra Cristo. Você nunca irá crucificá-lo, até que o pecado seja realmente abominável, como Jesus foi para aquele povo” (Edward Reyner, 1635).

Um indivíduo é espiritualmente engrandecido quando a Palavra leva a um abandono do pecado. “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (2 Tm 2:19). Quanto mais a Palavra é lida com o objetivo definitivo de descobrir o que é agradável e o que é desagradável para o Senhor, mais Sua vontade será conhecida; e se nossos corações estiverem em “sintonia” com o d’Ele, mais nossos caminhos serão conformados ao d’Ele. Haverá um “andando na verdade contínua”. No final de 2 Coríntios 6 algumas promessas preciosas são dadas àqueles que se separam dos incrédulos. Observe, lá, a aplicação que o Espírito Santo faz deles. Ele não diz: “Tendo, portanto, essas

promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito”, mas “tendo, pois, *ó amados*, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito” (2 Co 7:1).

“Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15:3). Aqui está outra regra importante pela qual devemos frequentemente nos testar: A leitura e o estudo da Palavra de Deus estão produzindo uma pureza em nossos caminhos? A pergunta é: “Como um jovem deve limpar seu caminho?”; e a resposta divina é: “Atentando-se a caminhar de acordo com a Palavra”. Sim, não apenas lendo, acreditando ou memorizando, mas aplicando, de maneira pessoal, a Palavra ao nosso caminhar. É atentando-se para exortações como “fugir” (1 Co 6:18); “da idolatria” (1 Co 10:14), “do amor pelo dinheiro” (1 Tm 6:11), “das paixões da mocidade” (2 Tm 2:22), que o cristão é trazido para a separação prática do mal; pois o pecado não só tem que ser confessado, mas também deve ser abandonado (Pv 28:13).

Um indivíduo é espiritualmente engrandecido quando a Palavra o fortifica contra o pecado. As Escrituras Sagradas são dadas a nós não apenas com o propósito de revelar nosso pecado inato, ou de apenas

revelar as muitas maneiras pelas quais “carecem da glória de Deus” (Rm 3:23), mas também para nos ensinar como obter libertação do pecado, e como ser impedido de desagradar a Deus. “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Sl 119:11). Isto é o que cada um de nós é obrigado a fazer: “Aceita, peço-te, a instrução que profere e põe as suas palavras no teu coração” (Jó 22:22). São particularmente os mandamentos, os avisos e as exortações que precisamos memorizar, meditar, orar sobre, e colocar em prática. A única maneira eficaz de evitar que um terreno seja coberto por ervas daninhas é semeando boas sementes: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12:21). Assim, quanto mais a Palavra de Cristo habita em nós ricamente, menos espaço haverá para o exercício do pecado em nossos corações e vidas.

Não basta apenas parecer favorável à veracidade das Escrituras, elas precisam ser recebidas com afetos. É indescritivelmente solene notar qual é a descrição de um terreno apostata que o Espírito Santo usa: “Porque não acolheram o amor da verdade” (2 Ts 14:10). “Se o homem tiver evidências espirituais

apenas na língua ou na mente, apenas para torná-la uma questão de conversa e especulação, tais evidências logo irão embora. A semente que está na superfície, as aves no ar irão pegar. Portanto, esconde-a profundamente; deixe-a brotar do ouvido para a mente, da mente para o coração; deixe-a absorver cada vez mais. É só quando ela tem uma soberania predominante no coração que a recebemos em amor; quando ela é mais valiosa do que nossa mais querida luxúria, então ela vai grudar em nós” (Thomas Manton).

Nada mais preservará das infecções deste mundo, libertará das tentações de Satanás, e será tão eficaz conservante contra o pecado, do que ter a Palavra de Deus recebida internamente, com nossos afetos: “No coração, tem ele a lei do seu Deus; os seus passos não vacilarão” (Sl 37:31). Enquanto a verdade for ativa dentro de nós, agitando a consciência, e realmente amada por nós, seremos impedidos de cair. Quando José foi tentado pela esposa de Potifar, ele disse: “Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” (Gn 39:9). A Palavra estava em seu coração, e, portanto,

tinha poder predominante sobre suas luxúrias. A santidade inefável, o poderoso poder de Deus, é capaz de salvar e destruir. Nenhum de nós sabe quando seremos tentado; por isso, é necessário estar preparado contra toda a tentação. “Quem há entre vós que ouça isto? Que atenda e ouça o que há de ser depois?” (Is 42:23). Sim, vamos antecipar o futuro e ser fortificado contra ele, armazenando a Palavra em nossos corações para as próximas emergências.

Um indivíduo é espiritualmente engrandecido quando a Palavra faz com que ele pratique o oposto do pecado. “Pecado é a transgressão da lei” (1 Jo 3:4). Deus diz: “Você deve”, o pecado diz: “Eu não devo”; Deus diz: “Não será”, o pecado diz: “Assim será”. Assim, o pecado é a rebelião contra Deus, pois é a determinação de ter o meu próprio caminho (Is 53:6). Portanto, o pecado é uma espécie de anarquista no reino espiritual, e pode ser comparado com o acenar da bandeira vermelha na cara de Deus. Agora, o oposto de pecar contra Deus é submissão a Ele, já que o oposto da ilegalidade é a sujeição à lei. Assim, se opor ao pecado é caminhar no caminho da obediência. Esta é outra razão principal pela qual as Escrituras foram dadas: Para tornar

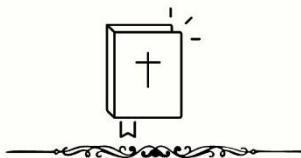
conhecido o caminho que é agradável a Deus para nós. Elas são úteis, não somente para reprovação e correção, mas para “educação na justiça”.

Aqui, então, há outra regra importante pela qual devemos frequentemente nos testar. Meus pensamentos estão sendo formados, meu coração controlado, e minhas obras reguladas pela Palavra de Deus? Isto é o que o Senhor exige: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1:22). É assim que a gratidão e o afeto por Cristo devem se expressar: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14:15). Para isso, é necessária assistência divina. Davi orou: “Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me comprazo” (Sl 119:35).

“Precisamos não só de luz para conhecer o nosso caminho, mas um coração para andar nele. A direção é necessária devido à cegueira de nossas mentes; e os impulsos afetivos da graça são necessários devido à fraqueza de nossos corações. Não será de grande ajuda saber o caminho, a menos que abracemos as afeições do evangelho” (Manton).

ENRIQUECENDO-SE COM A BÍBLIA

Note que é: “Vereda dos teus mandamentos”; não um caminho auto escolhido, mas um caminho definitivamente marcado; não uma “estrada” pública, mas uma “vereda” privada. Que tanto o escritor quanto o leitor se meçam honestamente e diligentemente, como na presença de Deus, pelas oito coisas aqui enumeradas. Seu estudo da Bíblia o deixou mais humilde, ou mais orgulhoso do conhecimento que adquiriu? Ele elevou você na estima de seus companheiros, ou levou você a tomar um lugar mais baixo diante de Deus? Produziu em você uma aversão mais profunda de si mesmo, ou te tornou mais complacente? Isso fez com que aqueles com quem você se mistura, ou talvez ensine, a dizer: “Eu gostaria de ter o seu conhecimento da Bíblia”; ou isso fez com que você ore: “Senhor me dê a fé, a graça, a santidade que Tu concedeu ao meu amigo, ou professor”? Medite sobre essas coisas. Entregue-se inteiramente a elas; e o seu lucro pode aparecer para todos (1 Tm 6:15).



2. As Escrituras e Deus

As Escrituras Sagradas são totalmente sobrenaturais. Elas são uma revelação divina. “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Tm 3:16). Não é apenas que Deus elevou a mente dos homens, mas que Ele dirigiu seus pensamentos. Não é simplesmente que Ele comunicou conceitos a eles, mas Ele ditou as próprias palavras que eles usaram. “Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1:21). Qualquer “teoria” humana que negue sua

inspiração verbal é um dispositivo de Satanás e um ataque à verdade de Deus. A imagem divina está estampada em cada página. Escritos tão sagrados, tão celestiais, tão temidos, não poderiam ter sido criados pelo homem.

As Escrituras demonstram um Deus sobrenatural. Essa pode ser uma observação muito banal, mas é uma verdade que ainda precisa ser declarada. O “deus” que é ensinado por muitos “cristãos” professos está se tornando cada vez mais pagão. O lugar proeminente que o “esporte” agora tem na vida da nação, o amor excessivo do prazer, a abolição da vida doméstica, a imodéstia descarada de mulheres, são os sintomas da mesma doença que causou a queda e morte dos impérios da Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. E a ideia de Deus do século XX, que é entretida pela maioria das pessoas nominalmente “cristãs” está rapidamente se aproximando do personagem atribuído aos deuses dos antigos.

Em contraste acentuado contra tais noções, o Deus da Sagrada Escritura está vestido com tão grandes perfeições e investido com tão grandes atributos que nenhum mero intelecto humano poderia tê-los

inventado. Deus só pode ser conhecido por meio de uma revelação sobrenatural d'Ele mesmo. Além das Escrituras, até mesmo um conhecimento teórico d'Ele é impossível. Ainda é verdade que “o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria” (1 Co 1:21). Onde as Escrituras são ignoradas, Deus é “o Deus desconhecido” (At 17:23). Mas algo mais do que as Escrituras é necessário antes que a alma possa conhecer Deus, antes que possa conhecê-Lo de uma maneira real, pessoal e vital. Isso parece ser reconhecido por poucos hoje. A prática predominante pressupõe que um conhecimento de Deus pode ser obtido através do estudo da Palavra, da mesma forma que um conhecimento de química pode ser assegurado dominando seus livros didáticos. Pode ser, que tal estudo, gere um conhecimento intelectual de Deus; mas não um conhecimento espiritual.

Um Deus sobrenatural só pode ser conhecido sobrenaturalmente (ou seja, conhecido de uma maneira acima do que a mera natureza pode alcançar); por uma sobrenatural revelação de Si mesmo para o coração. “Ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face

de Cristo” (2 Co 4:6). Aquele que foi favorecido com esta experiência sobrenatural aprendeu que apenas “na tua luz, vemos a luz” (Sl 36:9).

Deus só pode ser conhecido através de uma faculdade sobrenatural. Cristo deixou isso claro quando disse: “Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3:3). Os não regenerados não têm conhecimento espiritual de Deus. “O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Co 2:14). A água, por si só, nunca sobe acima do seu próprio nível. Da mesma forma, o homem natural é incapaz de perceber o que transcende a mera natureza. “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:3).

A vida eterna deve ser transmitida antes que o “verdadeiro Deus” possa ser conhecido.

Claramente isso é afirmado em 1 João 5:20: “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro”. Sim, um “entendimento”, uma

compreensão espiritual, pela nova criação, deve ser dada antes que Deus possa ser conhecido de forma espiritual.

Um conhecimento sobrenatural de Deus produz uma experiência sobrenatural, e isso é algo para o qual multidões de membros da igreja são totalmente estranhos. A maior parte da “religião” dos dias de hoje é apenas um retoque do “velho Adão”, é apenas um enfeite de sepulcros cheios de corrupção. É apenas uma religião externa. Mesmo quando há um credo pronunciado, muitas vezes é uma ortodoxia morta. Isso não é de nos admirar, pois em todas as eras vemos tal realidade. Foi assim quando Cristo estava aqui na terra. Os judeus eram muito ortodoxos. Naquela época eles estavam livres da idolatria. O templo estava em Jerusalém, a lei estava sendo exposta e Jeová sendo adorado. E ainda assim Cristo lhes disse: “Aquele que me enviou é verdadeiro” (Jo 7:28). “Não me conheceis a mim nem a meu Pai; se conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai” (Jo 8:19). “quem me glorifica é meu Pai, o qual vós dizeis que é vosso Deus. Entretanto, vós não o tendes conhecido” (Jo 8:54, 55). Atente-se para o fato de que essas coisas eram ditas a um povo que

tinha a Escritura, estudava-a diligentemente, e venerava-a como a Palavra de Deus! Eles conheciam bem Deus teoricamente, mas não tinham um conhecimento espiritual d'Ele.

Assim como era no mundo judeu, assim também é no mundo cristão. Multidões que “acreditam” na Santíssima Trindade são completamente desprovidas de um conhecimento sobrenatural ou espiritual de Deus. Como estamos tão certos disso? Pelo simples fato de que o caráter do fruto revela o caráter da árvore que o carrega; a cor das águas torna conhecida a natureza da fonte de onde elas fluem.

Um conhecimento sobrenatural de Deus produz uma experiência sobrenatural, e uma experiência sobrenatural resulta em frutos sobrenaturais.

Ou seja, quando Deus realmente habita no coração, tal vida é revolucionada e transformada, pois o fator que a trouxe à tona a mera natureza não pode produzir, sim, pois a natureza caída é diretamente contrária. E isso está visivelmente ausente das vidas de talvez noventa e cinco de cada cem “cristãos” professos. Não há nada na vida do mediano cristão professo, exceto o que pode ser

obtido por motivos naturais. Mas no genuíno filho de Deus a realidade é bem diferente. Ele é, na verdade, um milagre da graça; ele é uma “nova criatura” em Cristo Jesus” (2 Co 5:17). Sua experiência, sua vida, é sobrenatural.

A experiência sobrenatural do cristão é vista em sua atitude em relação a Deus. Tendo dentro dele a vida de Deus, tendo sido feito “coparticipantes da natureza divina” (2 Pe 1:4), ele necessariamente ama a Deus, ama as coisas de Deus, ama o que Deus ama e odeia o que Deus odeia. Esta experiência sobrenatural é produzida nele pelo Espírito de Deus, e por meio da Palavra de Deus. O Espírito nunca funciona à parte da Palavra. Pela palavra Ele concretiza vida. Pela palavra Ele produz convicção do pecado. Pela palavra Ele santifica. Pela palavra Ele dá garantia. Pela palavra Ele faz o santo crescer.

Dessa forma, cada um de nós pode verificar até que ponto estamos progredindo com nossa leitura e estudo das Escrituras, pelos efeitos que elas produzem através da aplicação do Espírito. Vamos entrar em detalhes. Aquele que está realmente e espiritualmente engrandecendo espiritualmente com as Escrituras tem

um reconhecimento mais claro das reivindicações de Deus. A grande controvérsia entre o Criador e a criatura tem sido se Ele ou eles devem ser Deus, se a sabedoria de Deus ou a deles deve ser o princípio norteador de suas ações, se a vontade de Deus ou a deles devem ser supremas.

É importante notar que o que levou a queda de Lúcifer foi seu ressentimento por estar em sujeição ao seu Criador: “Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus... Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14:13, 14). A mentira da serpente que atraiu nossos primeiros pais para sua destruição foi: “Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5). Desde então o sentimento do coração do homem natural tem sido: “Retira-te de nós! Não desejamos conhecer os teus caminhos. Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos?” (Jó 21:14,15). “Os lábios são nossos; quem é senhor sobre nós?” (Sl 12:4). “Somos livres! Jamais tornaremos a ti” (Jr 2:31). O pecado alienou o homem de Deus (Ef 4:18). Seu coração é avesso a Ele, sua vontade se opõe a d’Ele, sua mente está em

inimizade contra Ele.

A salvação significa ser restaurado a Deus: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus” (1 Pe 3:18). Legalmente, isso já foi feito; de maneira prática, está em processo de realização. Salvação significa ser reconciliado com Deus, e isso envolve e inclui o quebrar do domínio do pecado sobre nós. Envolve um conquistar do nosso coração da parte de Deus. É isso que é a verdadeira conversão; é uma demolição de cada ídolo, uma renúncia das vaidades vazias de um mundo traidor. Deus se torna nossa porção, nosso governante, nosso tudo em tudo.

Dos coríntios lemos que eles “deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor” (2 Co 8:5). O desejo e determinação daqueles verdadeiramente convertidos é que eles “não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2 Co 5:15). As reivindicações de Deus são agora reconhecidas, Seu domínio legítimo é reconhecido sobre eles. Eles se tornam propriedade de Deus. Os convertidos são “como ressurretos dentre os mortos”, e seus membros como “instrumentos de justiça” para Deus (Rm 6:13). Esta é a exigência que Ele

nos faz: Ao ser nosso Deus, devemos servi-Lo como tal, para que sejamos e façamos, absolutamente e sem reserva, o que quer que Ele exija, entregando-nos plenamente a Ele (ver Lucas 14:26,27,33).

Possuir Deus como nosso Deus é dar a Ele o trono de nossos corações. É dizer, como foi dito em Isaías 26:13: “Ó SENHOR, Deus nosso, outros senhores têm tido domínio sobre nós; mas graças a ti somente é que louvamos o teu nome”. É declarar com o salmista, não hipocritamente, mas sinceramente: “Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente” (Sl 63:1). Agora é proporcional à medida que isso se torna nossa experiência real que tiremos proveito da Escritura. É nela, e somente nela, que as reivindicações de Deus são reveladas; e apenas na medida em que estamos obtendo visões mais claras e completas dos direitos de Deus, e estamos negando a nós mesmos, que estaremos realmente sendo abençoados.

A experiência sobrenatural do cristão é vista pelo fato de que ele tem maior temor da majestade de Deus. “Tema ao SENHOR toda a terra, temam-no todos os habitantes do mundo” (Sl 33:8). Deus está tão alto acima de nós que o pensamento de Sua Majestade deve nos

fazer tremer. Seu poder é tão grande que a complexidade d'Ele deve nos aterrorizar. Ele é tão inefavelmente santo, e Sua aversão ao pecado é tão infinita, que o próprio pensamento de cometer algo pecaminoso deve nos encher de horror. “Deus é sobremodo tremendo na assembleia dos santos e temível sobre todos os que o rodeiam” (Sl 89:7).

“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 9:10), e “sabedoria” é o uso certo do “conhecimento”.

Onde Deus é verdadeiramente conhecido, Ele será devidamente temido.

Dos ímpios está escrito: “Não há temor de Deus diante de seus olhos” (Rm 3:18). Eles não têm nenhuma realização de Sua Majestade, nenhuma preocupação com Sua autoridade, nenhum respeito por Seus mandamentos, nenhum temor de que Ele os julgue. Mas em relação ao Seu povo pactual, Deus prometeu: “Porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim” (Jr 32:40). Portanto, eles temem diante de Sua Palavra (Is 66:5), e andam suavemente diante d'Ele.

“O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal” (Pv 8:13). E novamente, “pelo temor do Senhor os

homens evitam o mal” (Pv 16:6). O homem que vive com medo de Deus está consciente de que “Os olhos do Senhor estão em todo o lugar, contemplando os maus e os bons” (Pv 15:3), portanto, ele é consciente sobre sua conduta privada, bem como sua conduta pública. Aquele que é dissuadido de cometer certos pecados porque os olhos dos homens estão sobre ele, e que os comete quando sozinho, é destituído do medo de Deus. Assim como o homem que modera sua língua quando os cristãos estão ao redor dele, mas não o faz em outros momentos, é desprovido do medo de Deus. Ele não tem consciência inspiradora que Deus o vê e o ouve o tempo todo. O verdadeiramente regenerado tem medo de desobedecer e desafiar Deus. Ele não quer cometer qualquer ofensa. Não, seu desejo real e mais profundo é agradá-Lo em todas as coisas, em todos os momentos, e em todos os lugares. Sua oração sincera é: “Dispõe-me o coração para só temer o teu nome” (Sl 86:11).

Mas até o santo tem que ser ensinado a temer a Deus (Sl 34:11). E aqui, como sempre, é somente através das Escrituras que tal ensinamento nos é dado (Pv 2:5). É através da Bíblia que aprendemos que o olho de Deus está sempre sobre nós, marcando nossas ações e

pesando nossas motivações. À medida que o Espírito Santo aplica as Escrituras aos nossos corações, damos cada vez mais atenção a esse comando: “No temor do SENHOR perseverarás todo dia” (Pv 23:17). Dessa forma, conscientes de que Deus nos vê (Gn 16:13), devemos trabalhar nossa salvação com “temor e tremor” (Fp 2:12). Se assim agirmos, seremos verdadeiramente beneficiados com nossa leitura e estudo da Bíblia.

A experiência sobrenatural do cristão é vista em uma reverência mais profunda pelos mandamentos de Deus. O pecado entrou neste mundo pelo fato de que Adão quebrou a lei de Deus. Posterior a isso, todos os seus filhos caídos são gerados em sua semelhança depravada (Gn 5:3). “Pecado é a transgressão da lei” (1 Jo 3:4). O pecado é uma espécie de alta traição. É uma espécie de anarquia espiritual. É o repúdio do domínio de Deus, o confronto contra a Sua autoridade e a rebelião contra sua vontade. O pecado é o querer fazer as coisas do nosso jeito.

A salvação é a libertação do pecado, de sua culpa, de seu poder, bem como de sua pena. O mesmo Espírito que demonstra a necessidade da graça de Deus também

demonstra a necessidade que nós temos em sermos governados por Deus. A promessa de Deus ao seu povo da aliança é: “Na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Hb 8:10).

Um espírito obediente é concedido a cada alma regenerada. Disse Cristo: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra” (Jo 14:23). Esse é o grande teste: “Sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos” (1 Jo 2:3). Nenhum de nós mantém os mandamentos perfeitamente, mas cada cristão real tanto deseja quanto se esforça para mantê-los. O cristão diz como o apóstolo Paulo: “No tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (Rm 7:22). Ele diz como o salmista: “A revelação das tuas palavras esclarece e dá entendimento aos simples” (Sl 119:30). E o ensino que retira a autoridade de Deus, que ignora Seus comandos, que afirma que o cristão está, em nenhum sentido, sob a Lei, é do Diabo, não importa o quão belo seu instrumento humano possa ser. Cristo redimiu seu povo da maldição da Lei e não do comando dela; Ele os salvou da ira de Deus, mas não de Seu governo. “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu

coração” nunca foi e nunca será revogado.

Nos é afirmado em 1 Coríntios 9:21 que estamos “debaixo da lei de Cristo.” “Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1 Jo 2:6). E como Cristo “andou”? Em perfeita obediência a Deus; em completa sujeição à Sua lei, honrando e obedecendo-a em pensamento, palavra e ação. Ele veio não para destruir a Lei, mas para cumpri-la (Mt 5:17). E nosso amor por Ele é expresso, não em emoções belas ou palavras bonitas, mas em manter Seus mandamentos (Jo 14:15), e os mandamentos de Cristo são os mandamentos de Deus (Ex 20:6). A oração sincera do verdadeiro cristão é: “Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me comprazo” (Sl 119:35). Se a nossa leitura e estudo das Escrituras, pela aplicação do Espírito, gerar dentro de nós um amor maior e um respeito mais profundo e uma manutenção mais pontual dos mandamentos de Deus, estaremos realmente crescendo em santidade.

A experiência sobrenatural do cristão é vista em uma confiança mais firme na suficiência de Deus. Qualquer coisa, ou quem quer que um homem mais confie, tal coisa ou pessoa é o seu “deus”. Alguns

confiam na saúde, outros na riqueza; alguns em si mesmo, outros em seus amigos. O que caracteriza a falsa conversão é o fato de que o homem se inclina sobre um braço de carne. Mas a eleição da graça tem seus corações retirados de todos os apoios carnis, para descansar sobre o Deus vivo. O povo de Deus são os filhos da fé. A linguagem de seus corações é: “Deus meu, em ti confio; não seja eu envergonhado” (Sl 25:2). Embora Ele me mate, ainda confiarei n’Ele (Jó 13:15). Eles dependem de Deus para fornecer o que é necessário para eles, para protegê-los de qualquer desafio e para abençoá-los. Eles olham para um recurso invisível, contam com um Deus invisível e inclinam-se sobre um braço invisível.

É bem verdade que há um momento em que sua fé vacila; mas embora eles caiam, eles não são totalmente abatidos. Embora não seja sua experiência uniforme, o Salmo 56:11 expressa o estado geral de suas almas: “Neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer o homem?” Sua oração sincera é: “Senhor, aumente minha fé”. “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Dessa forma, as Escrituras são ponderadas, suas promessas recebidas na mente, a fé é fortalecida, a confiança em

Deus aumentada e a garantia da salvação aprofundada. Se tais implicações resultam de nossa vida devocional, sabemos que nosso estudo da Bíblia está dando frutos.

A experiência sobrenatural do cristão é vista em um prazer mais completo nas perfeições de Deus. O que um homem mais se deleita é seu “deus”. O pobre mundano busca satisfação em suas atividades, prazeres e posses. Ignorando a Substância, ele persegue em vão as sombras. Mas o cristão se deleita com as maravilhosas perfeições de Deus.

Realmente, possuir Deus como nosso Deus não é apenas submeter-se ao Seu cetro, mas é amá-Lo mais do que o mundo, para valorizá-Lo acima de tudo e todo mundo. É ter, como o Salmista, uma percepção experiencial de que “todas as minhas fontes são em ti” (Sl 87:7). Os resgatados não só recebem uma alegria de Deus, mas eles também “se alegram em Deus” (Rm 5:11); e desta alegria, o pobre mundano não sabe nada. A linguagem dessa alegria é: “A minha porção é o Senhor” (Lm 3:24).

Exercícios espirituais são irritantes para a carne. Mas o verdadeiro cristão diz: “Bom é estar junto a Deus” (Sl 73:28). O homem carnal tem muitos desejos e

ambições, mas a alma regenerada declara: “Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo” (Sl 27:4). E por quê? Porque o verdadeiro sentimento de seu coração é: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra” (Sl 73:25). Ah, meu leitor, se seu coração não foi atraído para amar e se deleitar em Deus, então ele ainda está morto para Ele. A língua dos santos é: “Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação” (Hab 3:17,18). Ah, isso é uma experiência sobrenatural de fato! Sim, o cristão pode se alegrar quando todas as suas posses mundanas são tiradas dele (Hb 10:34). Quando ele se deita em uma masmorra com sangramento nas costas, ele ainda pode cantar louvores a Deus (At 16:25).

Assim, na extensão que você está sendo desmamado dos prazeres vazios deste mundo, você está aprendendo que não há bênção fora de Deus, está descobrindo que

Ele é a fonte e a soma de toda excelência, e seu coração está sendo atraído para Ele, sua mente repousa n'Ele, sua alma encontra sua alegria e satisfação n'Ele. Se tais coisas acontecer, você pode saber que está verdadeiramente tirando proveito das Escrituras.

A experiência sobrenatural do cristão é vista em uma submissão maior às providências de Deus. É natural murmurar quando as coisas dão errado, mas é sobrenatural manter nossa paz em tais momentos (Lv 10:3). É natural ficar desapontado quando nossos planos são frustrados, mas é sobrenatural se curvar aos planos de Deus. É natural querer nosso próprio caminho, mas é sobrenatural dizer: “Não a minha vontade, mas a tua seja feita”. É natural se rebelar quando um ente querido é tirado de nós pela morte, mas é sobrenatural dizer do fundo do coração: “O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR” (Jó 1:21).

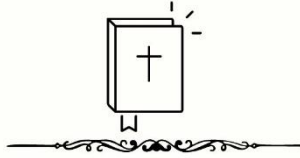
Como Deus verdadeiramente se torna nossa porção, aprendemos a admirar Sua sabedoria, e saber que Ele faz todas as coisas para o nosso bem. Assim, o coração é mantido em “perfeita paz” (Is 26:3). Aqui, então, é outro teste certo: Se o seu estudo bíblico está ensinando-lhe que o caminho de Deus é o melhor, se está fazendo você

se submeter sem reclamar dos planos divinos, se você estiver habilitado a agradecer por todas as coisas (Ef 5:20), então você está tirando proveito e crescendo de fato.

A experiência sobrenatural do cristão é vista em um louvor mais fervoroso pela bondade de Deus. Louvor é o fluxo de um coração que encontra sua satisfação em Deus. As palavras de tal coração são: “Bendirei o SENHOR em todo o tempo, o seu louvor estará sempre nos meus lábios” (Sl 34:1). Inúmeros motivos têm o povo de Deus para louvá-lo! Eles foram e são amados com um amor eterno; filhos e herdeiros. Além disso, todas as coisas trabalham para o seu bem, todas as suas necessidades são supridas, uma eternidade de felicidade é garantida para eles. Suas harpas de alegria nunca devem ficar em silêncio. Certamente, elas não estarão enquanto desfrutarem da comunhão com Aquele que é “completamente adorável”. Quanto mais aumentamos no conhecimento de Deus (Cl 1:10), mais O adoraremos. Mas é apenas quando a Palavra habita em nós ricamente que estaremos cheios de canções espirituais (Cl 3:16). Quanto mais nossas almas são nutridas para verdadeira adoração, mais nós somos encontrados agradecendo e

LEGADO REFORMADO

louvando nosso grande Deus. Essa é a evidência mais clara de que nosso estudo de Sua Palavra está sendo proveitoso.



3. As Escrituras e Cristo

A ordem que seguimos nesta série é a ordem da experiência. Não é até que o homem seja completamente descontente consigo mesmo que ele começa a aspirar a Deus. A criatura caída é iludida por Satanás, é auto satisfeita até que seus olhos sejam abertos para ter uma visão clara de si mesma. O Espírito Santo primeiro trabalha em nós uma percepção de nossa ignorância, vaidade, pobreza e depravação, antes que Ele nos leve a perceber e reconhecer que só em Deus achamos verdadeira sabedoria, benção real,

bondade perfeita e justiça infalível.

Devemos ser conscientes de nossas imperfeições, para podermos realmente apreciar as perfeições divinas. Quando as perfeições de Deus são contempladas, o homem torna-se ainda mais consciente da distância infinita que o separa do mais Alto Deus. À medida que ele aprende sobre as exigências de Deus sobre ele, e aprende sobre sua total incapacidade de encontrá-las, ele então está preparado para ouvir e receber a boa notícia de que Outro cumpriu plenamente essas reivindicações para todos os que são levados a acreditar n'Ele.

“Examinais as Escrituras”, disse o Senhor Jesus, e então Ele acrescentou, “porque... elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5:39). Elas testemunham d'Ele como o único Salvador para pecadores, como o Único mediador entre Deus e os homens, como o Único através do qual o Pai pode ser “abordado”. Elas testemunham as maravilhosas perfeições de Sua pessoa, as glórias variadas de Seus ofícios e a suficiência de Seu trabalho acabado. Além das Escrituras, Ele não pode ser conhecido. Só na Bíblia, Cristo é revelado. Quando o Espírito Santo toma as coisas de Cristo e as mostra ao

Seu povo, tornando-as assim conhecidas, Ele não usa nada, senão o que está escrito. Embora seja verdade que Cristo é a chave para as Escrituras, é igualmente verdade que apenas nas Escrituras temos uma abertura do “mistério” de Cristo (Ef 3:4).

Agora, uma boa medida para saber se estamos tirando proveito com nossa leitura e estudo das Escrituras, é apurar a medida em que Cristo está se tornando mais real e mais precioso para nossos corações. Para crescer na graça é necessário crescer no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (2 Pe 3:18). Conhecer Cristo (Fp 3:10) foi o desejo supremo e o objetivo do apóstolo Paulo, ao qual ele subordinava todos os outros interesses. Mas marque bem; o conhecimento que é falado nesses versos não é intelectual, mas espiritual, não teórico, mas experiencial, não geral, mas pessoal. É um conhecimento sobrenatural, que é transmitido ao coração regenerado pelas operações do Espírito Santo.

Agora, o conhecimento de Cristo que o abençoado Espírito transmite ao crente através das Escrituras é proveitoso de diferentes maneiras, pois é de acordo com as diferentes circunstâncias e necessidades. Sobre

o pão que Deus deu aos filhos de Israel durante suas andanças no deserto, registra-se que “colheram, uns, mais, outros, menos” (Ex 16:17). O mesmo acontece em nossa apreensão d’Aquele de quem o maná era uma tipologia. Todas as maravilhas na pessoa de Cristo são exatamente adequadas para todas as nossas condições, todas as circunstâncias, todas as necessidades, tanto para o tempo quanto para a eternidade; mas somos lentos para perceber isso, e mais lento ainda para buscá-las quando necessário. Há uma plenitude inesgotável em Cristo (Jo 1:16) que está disponível para nós, e o princípio que regula até que ponto nos tornamos fortes “na graça que está em Cristo Jesus” (2 Tm 2:1).

Um indivíduo está tirando proveito da Bíblia quando ele compreende sua necessidade de Cristo. O homem em sua propriedade natural se considera auto-suficiente. Ele até tem uma percepção fraca de que nem tudo está certo entre ele e Deus, mas não tem dificuldade em convencer a si mesmo de que é capaz de algo para se salvar. Isso está na base de toda a religião do homem, iniciada por Caim, cujo caminho as multidões ainda caminham (Jd 1:11). Diga ao religioso devoto que “os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Rm

8:8), e ele ficará ofendido imediatamente. Pressione sobre ele o fato de que todas as nossas justiças são tão sujas (Is 64:4), e você logo verá que toda sua urbanidade hipócrita dará lugar a raiva.

Assim foi quando Cristo estava na terra. As pessoas mais religiosas de todas, os judeus, não tinham sentido que estavam “perdidos” e necessitando de um salvador todo-poderoso. “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes” (Mt 9:12). É o peculiar ofício do Espírito Santo, por Sua aplicação das Escrituras, demonstrar aos pecadores, a condição desesperada deles, e trazê-los para ver que o estado deles é tal que “desde a planta do pé até a cabeça não há neles coisa sã”, mas há “feridas, contusões e chagas inflamadas” (Is 1:6). Enquanto o Espírito nos mostra nossos pecados, nossa ingratidão a Deus, nosso murmúrio contra Ele, Ele também demonstra Seu direito ao nosso amor, obediência e adoração. Dessa forma somos obrigados a reconhecer que Cristo é nossa única esperança, e que, se não fugirmos para Ele, a ira justa de Deus certamente irá cair sobre nós.

Isso também não se limita à experiência inicial de conversão. Quanto mais o Espírito aprofunda Seu

trabalho de graça na alma regenerada, mais esse indivíduo é consciente de sua poluição, seu pecado e sua vileza; e quanto mais ele descobre sua necessidade, mais ele aprende a valorizar esse precioso sangue que o limpa de todo o pecado. O Espírito está aqui para glorificar Cristo, e a maneira principal em que Ele faz isso é abrindo mais e mais os olhos daqueles para quem Ele morreu, mostrando-lhes o quão perfeito Cristo é para criaturas tão miseráveis, sujas, merecedoras do inferno. Sim, quanto mais estamos realmente crescendo por meio da nossa leitura das Escrituras, mais sentimos nossa necessidade d'Ele.

Um indivíduo é beneficiado pelas Escritura quando Cristo se torna mais real para ele. A grande maioria da nação israelita não viu nada mais do que a concha externa nos ritos e cerimônias que Deus lhes deu, mas um remanescente regenerado teve o privilégio de contemplar o próprio Cristo. “Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia”, disse Cristo (Jo 8:56). Os homens do Antigo Testamento estimavam Cristo mais do que os tesouros do Egito. Assim também é na Cristandade nos dias de hoje. Para as multidões Cristo é apenas um nome, ou no máximo um personagem

histórico. Eles não têm relações pessoais com Ele, não desfrutam de nenhuma comunhão espiritual com Ele. Se ouvirem alguém falar em êxtase de Sua Excelência, eles o consideram um entusiasta ou um fanático. Para eles Cristo é imaginário, vago e intangível.

Mas para o verdadeiro cristão a realidade é muito diferente. A linguagem de seu coração é: “Eu ouvi a voz de Jesus; eu vi o rosto de Jesus, e minha alma está satisfeita”. No entanto, uma comunhão tão feliz como essa não é a experiência consistente dos santos. Assim como as nuvens ficam entre o sol e a terra, falhas em nossa caminhada interrompem nossa comunhão com Cristo e servem para esconder de nós a luz de Seu semblante. “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14:21). Sim, é aquele que pela graça está trilhando o caminho da obediência que o Senhor Jesus concede manifestações de Si mesmo. E quanto mais frequentes e prolongadas essas manifestações são, mais real Ele se torna para a alma, até que possa dizer como Jó: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42:5). Assim,

quanto mais Cristo está se tornando uma realidade viva para mim, mais estou tirando proveito da Palavra.

Um indivíduo é beneficiado pelas Escrituras quando se torna mais admirado com as perfeições de Cristo. É um sentimento de necessidade que primeiro leva a alma a Cristo, mas é a realização de Sua Excelência que nos atrai a correr atrás d'Ele. Quanto mais Cristo se torna real para nós, mais nós somos atraídos por Suas perfeições. No início, Ele é visto apenas como um Salvador, mas como o Espírito continua a revelar as coisas de Cristo, descobrimos que em Sua cabeça há muitos diademas (Ap 19:12). O grande profeta disse: “Seu nome será: Maravilhoso Conselheiro” (Is 9:6). Seu nome significa tudo o que d'Ele é conhecido nas Escrituras. “Maravilhosos” são seus ofícios, em número, variedade e suficiência. Ele é o Amigo que é mais próximo do que um irmão, para ajudar em todos os momentos de necessidade. Ele é o grande Sumo Sacerdote, que se importa com o sentimento de nossas enfermidades. Ele é o Advogado perante o Pai, que alega nossa causa quando Satanás nos acusa.

Nossa grande necessidade é estar ocupado com

Cristo, sentar-se aos Seus pés como Maria fez, e se saciar, constantemente, de Sua plenitude. Nosso principal prazer deve ser considerar “atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus” (Hb 3:1); contemplar as diversas circunstâncias em que Ele nos sustenta, meditar sobre as muitas promessas que Ele nos deu e meditar sobre Seu amor maravilhoso e eterno. Ao fazermos isso, nos encantaremos tanto no Senhor que as vozes de sereia deste mundo perderão todo o seu charme para nós. Ah, meu leitor, você sabe alguma coisa sobre isso em sua própria vida pessoal? Cristo é o chefe entre dez mil para sua alma? Ele ganhou seu coração? É sua principal alegria ficar sozinho e estar ocupado com Ele? Se não, sua leitura e estudo bíblico tem sido de pouco proveito para você.

Um indivíduo é beneficiado pelas Escrituras à medida que Cristo se torna mais precioso para ele. Cristo é precioso na estima de todos os verdadeiros crentes (1 Pe 2:7). Eles contam todas as coisas, eles buscam a excelência do conhecimento de Cristo Jesus, o Senhor (Fp 3:8). Seu nome para eles é como unguento derramado (Ct 1:3). Como a glória de Deus que apareceu na beleza maravilhosa do templo, e na sabedoria e

esplendor de Salomão, atraiu adoradores de todas as partes da terra, da mesma forma, a excelência incomparável de Cristo atrai mais poderosamente os corações de Seu povo. O Diabo sabe muito bem disso, e por isso, ele incessantemente se envolve em cegar as mentes daqueles que não acreditam, colocando entre eles e Cristo os fascínios deste mundo.

Deus não permite que ele perturbe o crente também, pois está escrito: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4:7). Resista a ele por meio da oração sincera, suplicando ao Espírito para atrair seus afetos a Cristo. Quanto mais estamos envolvidos com as perfeições de Cristo, mais O amamos e O adoramos. É a falta de conhecimento experiencial d’Ele que faz nossos corações tão frios em relação a Ele. Mas onde a comunhão real e diária é cultivada, o cristão dirá como o salmista: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra” (Sl 73:25). É isso que é a própria essência e distinção da natureza do verdadeiro cristianismo. Fanáticos legalistas podem estar ocupados envolvidos em dízimo da hortelã, do endro e do cominho, eles podem abranger mar e terra para fazer um proselitismo, e ainda assim, não

possuírem amor por Deus em Cristo. É o coração que Deus olha: “Dá-me, filho meu, o teu coração” (Pv 23:26) é sua exigência. Quanto mais precioso Cristo é para nós, mais prazer Ele tem em nós.

Um indivíduo que é beneficiado pelas Escrituras tem uma confiança crescente em Cristo. Há “pouca fé” (Mt 14:3) e “grande fé” (Mt 8:10). Há a “plena certeza de fé” (Hb 10:22), e a confiança no Senhor “de todo o coração” (Pv 3:5). Assim como há crescimento “de força em força” (Sl 84:7), também há o crescimento “de fé em fé” (Rm 1:17). Quanto mais forte e mais firme nossa fé, mais o Senhor Jesus é honrado. Mesmo uma leitura superficial dos quatro Evangelhos revela o fato de que nada agradou mais o Salvador do que a firme confiança que foi colocada n’Ele pelos poucos que realmente confiava n’Ele. Ele próprio viveu e caminhou pela fé, e quanto mais fazemos isso, mais os membros estão sendo conformados com sua cabeça. Acima de tudo, há uma coisa a ser dirigida e diligentemente procurada pela oração séria: Que nossa fé possa ser aumentada. Dos santos de Tessalonicenses Paulo foi capaz de dizer: “A vossa fé cresce sobremaneira” (2 Ts 1:3).

Agora Cristo não pode ser confiável a menos que

Seja conhecido, e quanto mais Ele for conhecido, mais será confiável: “Em ti, pois, confiam os que conhecem o teu nome, porque tu, SENHOR, não desamparas os que te buscam” (Sl 9:10). À medida que Cristo se torna mais real para o coração, à medida que estamos cada vez mais ocupados com suas múltiplas perfeições e Ele se torna mais precioso para nós, a confiança n’Ele é aprofundada até que se torne tão natural confiar n’Ele como é respirar. A vida cristã é uma caminhada de fé (2 Co 5:7), e essa mesma expressão denota um progresso contínuo, uma libertação crescente de dúvidas e medos, e uma certeza mais completa de que tudo o que prometeu Ele vai realizar.

Abraão é o pai de todos aqueles que acreditam, e assim o registro de sua vida fornece uma ilustração do que uma confiança aprofundada no Senhor significa. Primeiro, ele virou as costas para tudo o que era valioso para a carne. Em segundo lugar, ele saiu em simples dependência d’Ele e habitou como um estranho na terra da promessa, embora ele nunca tivesse um único acre dela. Terceiro; quando a promessa foi feita de uma semente em sua velhice, ele não considerou os obstáculos no caminho de sua realização, mas foi forte

em fé, dando glória a Deus. Finalmente, quando chamado a oferecer Isaque, através de quem as promessas deveriam ser cumpridas, ele acreditou que Deus seria capaz de “ressuscitá-lo dentro os mortos” (Hb 11:19).

A história de Abraão nos mostra como a graça é capaz de subjugar um coração maligno de incredulidade, como o espírito pode ser vitorioso sobre a carne, como os frutos sobrenaturais de uma fé dada por Deus e sustentada por Deus podem ser evidenciados por um homem de paixões semelhantes as nossas. Todas essas coisas foram escritas para o nosso encorajamento, para que tenhamos confiança de que podemos agradar ao Senhor. Nada mais agrada, honra e glorifica Cristo do que a confiança constante, a motivação esperançosa e a fé entregue daqueles a quem Ele deu novos corações. E nada mais evidencia de que estamos sendo beneficiados pelas Escrituras do que uma fé crescente em Cristo.

Um indivíduo é beneficiado pelas Escrituras quando é gerado nele um desejo profundo de agradar a

Cristo. Vocês não são seus, pois são comprados com um preço (1 Co 6:19,20); este é o primeiro grande fato que os cristãos precisam aprender. Eles não devem viver “mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2 Co 5:15). O amor encanta para agradar seu objeto, e quanto mais nossos afetos são atraídos para Cristo, mais desejaremos honrá-Lo por uma vida de obediência à Sua vontade revelada. “Se alguém me ama, guardará a minha palavra” (Jo 14:23). Tal homem não será feliz quando é fundado no emocionalismo ou em profissões verbais de devoção, mas no real suportar de Seu jugo e na prática constante de submeter-se a Seus preceitos. Em tal homem, Cristo é mais honrado.

É neste ponto particularmente que a genuinidade de nossa profissão pode ser testada e comprovada. Quão grande desprezo ao Rei se seus súditos se recusarem a ler suas proclamações! Onde há fé em Cristo haverá prazer em Seus mandamentos, e haverá uma tristeza quando os mandamentos forem quebrados. Quando desagradamos a Cristo, devemos lamentar pelo nosso fracasso. É impossível pensar que foram meus pecados que fizeram com que o Filho de Deus derramasse Seu

precioso sangue sem que eu os odeie. Se Cristo gemeu sob o pecado, nós também devemos gemer. E quanto mais sinceros esses gemidos, mais sinceramente devemos buscar graça para a libertação de todos os desagrados, e força para fazer tudo o que agrada ao nosso abençoado Redentor.

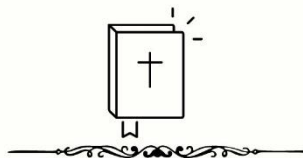
Um indivíduo é beneficiado pela Escritura quando ela faz com que ele anseie pelo retorno de Cristo. O amor não pode ser satisfeito com nada menos do que uma visão de seu objeto. É bem verdade que agora contemplamos Cristo pela fé, mas é através de um espelho. Mas em Sua vinda vamos contemplá-Lo “face a face” (1 Co 13:12). Em seguida, serão cumpridas Suas próprias palavras: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17:24). Só isso vai atender plenamente os anseios de Seu coração, e só isso vai atender aos anseios daqueles que foram redimidos por Ele. Só então “Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito” (Is 53:11); e “Eu, porém, na justiça contemplarei a tua face; quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança” (Sl

17:15).

No retorno de Cristo, o pecado será tragado para sempre. Os eleitos estão predestinados a serem conformados com a imagem do Filho de Deus, e tal propósito divino só será realizado quando Cristo receber seu povo. “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 Jo 3:2). Nunca mais nossa comunhão com Ele será quebrada, nunca mais deveremos gemer sobre nossas corrupções interiores, nunca mais deveremos ser assediados com incredulidade. Ele apresentará Sua Igreja a Si mesmo uma “igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5:27). Por isso, esperamos ansiosamente. Para o nosso Redentor, nós olhamos amorosamente. Quanto mais ansiamos por Ele, quanto mais estamos limpando nossas lâmpadas na expectativa de Sua vinda, mais damos provas de que estamos tirando proveito com nosso conhecimento da Palavra.

Que o leitor e o escritor se analisem honestamente na presença de Deus. Busquemos respostas verdadeiras para essas perguntas. Temos um sentido mais profundo

de nossa necessidade de Cristo? Ele mesmo está se tornando para nós uma realidade mais brilhante e viva? Estamos encontrando prazer crescente em estar ocupado com Suas perfeições? O próprio Cristo está se tornando cada dia mais precioso para nós? A nossa fé n'Ele está crescendo, para que confiemos n'Ele para tudo? Estamos realmente procurando agradá-Lo em todos os detalhes de nossas vidas? Por acaso, estamos tão ansiosos por Ele que estaríamos cheios de alegria se soubéssemos com certeza que Ele viria durante as próximas 24 horas? Que o Espírito Santo busque nossos corações com essas perguntas profundas!



4. As Escrituras e Oração

Um cristão sem oração é uma contradição em termos. Assim como uma criança nascida é desprovida da morte, então um crente professo que não ora é desprovido de vida espiritual. A oração é o sopro da nova natureza no santo, assim como a Palavra de Deus é sua comida. Quando o Senhor assegurou ao discípulo de Damasco que Saulo de Tarso havia sido verdadeiramente convertido, Ele lhe disse: “Ele está orando” (At 9:11). Em muitas ocasiões, aquele fariseu, Saulo, se ajoelhou diante de Deus e se entregou as suas

“devoções”, mas esta foi a primeira vez que ele realmente orou. Esta importante distinção precisa ser enfatizada neste dia (2 Tm 3:5). Os hipócritas, se contentam com endereços formais ao Deus que não conhecem e são contrários ao “espírito da graça e de súplicas” (Zc 12:10). Deus não tem filhos burros em Sua família regenerada: “Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite?” (Lc 18:7). Sim, “clame”, não apenas “recite” suas orações.

Mas será que o leitor ficará surpreso quando o escritor declarar que é sua convicção profunda de que, provavelmente, o próprio povo do Senhor peca mais em seus esforços para orar do que em conexão com qualquer outra coisa em que se envolvam? Que hipocrisia existe, onde deveria haver realidade! Que exigências presunçosas, onde deveria haver submissão! Quanta formalidade, onde deveria haver coração! Quão pouco nós realmente sentimos os pecados que devemos confessar, e quão pouco sentimos a profunda necessidade para as misericórdias que buscamos! E mesmo quando Deus concede uma medida de libertação desses pecados horríveis, quanta frieza do coração, quanta incredulidade, quanta auto vontade e

auto prazer temos que lamentar! Aqueles que não têm consciência sobre essas coisas são estranhos ao espírito de santidade.

A Palavra de Deus deve ser nosso guia quando o assunto é oração. Infelizmente, quantas vezes fazemos nossas próprias inclinações carnisais como a regra de nossa devoção. As Escrituras Sagradas nos foram dadas “a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Tm 3:17). Já que somos chamados a orar no Espírito (Jd 1:20), segue-se que nossas orações devem ser de acordo com as Escrituras, vendo que Ele é seu Autor durante todo o tempo. Segue-se igualmente que de acordo com a medida em que a Palavra de Cristo habita em nós “ricamente” (Cl 3:16) mais nossas petições estarão em harmonia com a mente do Espírito, pois a “boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12:34). Na proporção em que acolhemos a Palavra em nossos corações, e ela purifica, molda e regula nosso homem interior, nossas orações serão aceitáveis à vista de Deus. Então poderemos dizer, como Davi disse: “Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos” (1 Cr 29:14).

Assim, a pureza e o poder de nossa vida de oração

são outro indício pelo qual podemos determinar até que ponto estamos tirando proveito com nossa leitura e busca das Escrituras. Se nosso estudo bíblico não está, sob a bênção do Espírito, nos condenando pelo pecado da falta de oração, revelando-nos o lugar que a oração deveria ter em nossas vidas diárias, e não está realmente nos trazendo para passar mais tempo no lugar secreto do Altíssimo; a menos que esteja nos ensinando como orar mais aceitável a Deus, como se apropriar Suas promessas, como se apropriar de Seus preceitos e transformá-los em petições, então não só o tempo que gastamos com Palavra foi para pouco ou nenhum enriquecimento da alma, mas o próprio conhecimento que adquirimos só adicionará à nossa condenação no dia seguinte. “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1:22). Tal verdade também se aplica às admoestações de oração. Vamos agora apontar sete critérios.

Somos beneficiados pelas Escrituras quando somos trazidos para perceber a necessidade da oração. É realmente temido que muitos leitores atuais (e até mesmo estudantes) da Bíblia não têm convicções profundas de que uma vida de oração definitiva é

absolutamente essencial para uma caminhada diária com Deus, para a libertação do poder do pecado e para resistir as seduções do mundo e as agressões de Satanás. Se tal convicção realmente agarrassem seus corações, eles não passariam muito mais tempo diante de Deus? Alguns irão objetar: “Uma infinidade de deveres devem ser realizados, por isso não tenho muito tempo para orar”. Quem já viveu uma vida mais movimentada que nosso Salvador? No entanto, quem encontrou mais tempo para orar? Se realmente ansiarmos por sermos intercessores diante de Deus e usar todo o tempo disponível que temos agora para louvar a Ele, Ele ajustará todas as coisas, para que nós tenhamos mais tempo.

A falta de convicção positiva da profunda importância da oração é claramente evidenciada na vida corporativa cristã. Deus claramente disse: “A minha casa será chamada casa de oração” (Mt 21:13). Note, não “a casa de pregação ou canto”, mas a casa de oração. No entanto, na grande maioria das chamadas igrejas ortodoxas, o ministério da oração tornou-se um ministério insignificante. Ainda há campanhas evangélicas, e conferências de ensino bíblico, mas como

raramente se ouve uma conferência, de duas semanas separadas para uma oração especial! E que bem essas “conferências bíblicas” fazem se a vida de oração das igrejas não for fortalecida? Mas quando o Espírito de Deus aplica em nossos corações, palavras como: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação” (Mc 14:38), “sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças” (Fp 4:6), “Perseverai na oração, vigiando com ações de graças” (Cl 4:2); então sabemos que estamos sendo beneficiados pelas Escrituras.

Estamos sendo beneficiados pelas Escrituras quando somos obrigados a sentir que não sabemos orar. “Não sabemos orar como convém” (Rm 8:26). Como poucos cristãos professantes realmente acreditam nisso! A ideia mais geralmente entretida é que as pessoas sabem o suficiente pelo que devem orar, mas que elas são descuidadas e perversas, e por isso não oram. Mas tal concepção está em discordância direta com a declaração inspirada em Romanos 8:26. Deve-se observar que essa afirmação carnal não é feita apenas por homens em geral, mas pelos santos de Deus em particular, entre os quais o apóstolo não hesitou em

incluir a si mesmo: “Não sabemos orar como convém”. Se esta é a condição do regenerado, quanto mais a do não regenerado! No entanto, uma coisa é ler e mentalmente concordar com o que este verso diz, mas outra é ter uma concepção experimental. Para que o coração seja levado a sentir o que Deus exige de nós, Ele deve trabalhar dentro e através de nós.

“Eu costumo fazer minhas orações, mas eu sempre oro? E os desejos do meu coração vão com as palavras que eu digo? Eu posso muito bem ajoelhar-me para baixo e adorar deuses de pedra, como oferecer ao Deus vivo uma oração de palavras sozinho”.

O cristão não pode orar sem a direta habilitação do Espírito Santo. Deve ser assim, pois a oração real é uma necessidade despertada dentro de nós pelo Espírito, para que peçamos a Deus, em nome de Cristo, o que está de acordo com Sua santa vontade. “Se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 Jo 5:14). Mas pedir algo que não está de acordo com a vontade de Deus não é orar; é presumir. Verdade, a vontade revelada por Deus é conhecida em Sua Palavra, mas não da mesma forma que um livro de culinária contém receitas e instruções para preparar vários pratos. As

Escrituras frequentemente enumeram princípios que exigem o exercício contínuo do coração e da ajuda divina para nos mostrar sua aplicação a diferentes casos e circunstâncias. Assim, estamos sendo beneficiados pela Bíblia, quando ela nos ensina sobre nossa profunda necessidade de gritar “Senhor, nos ensine a orar” (Lc 11:1); quando estamos realmente constrangidos a implorar a Ele pelo espírito de oração.

Somos beneficiados pelas Escrituras quando estamos conscientes de nossa necessidade de ajuda do Espírito. Primeiro, que Ele possa tornar conhecidos nossos verdadeiros desejos. Veja, por exemplo, nossas necessidades temporais. Quantas vezes estamos sendo pressionados duramente por difíceis circunstâncias. Acreditamos, que em tais momentos, “sabemos” sobre o que devemos orar. Não; de fato, longe disso! A verdade é que, apesar do nosso desejo natural de alívio, somos tão ignorantes; tão débil é o nosso discernimento, que (mesmo onde há uma consciência exercida) não sabemos como Ele pode santificar essas aflições para o nosso bem interior. Portanto, Deus chama as petições da maioria que busca alívio de meros gritos e não de um clamor com o coração contrito (ver Os 7:14). “Pois quem

sabe o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida de vaidade, os quais gasta como sombra?” (Ec 6:12). Ah, a sabedoria celestial é necessária para nos ensinar nossas “necessidades” temporais de modo a torná-las uma questão de oração de acordo com a mente de Deus.

Talvez algumas palavras precisem ser adicionadas ao que acabou de ser dito. Coisas temporais podem ser oradas por (Mt 6:11), mas com uma limitação tripla. Em primeiro lugar, com a consciência de que tais coisas não são as coisas que os cristãos devem estar principalmente preocupados (Mt 6:33). São coisas celestiais e eternas (Cl 3:1) que devem ser buscadas primeiro e acima de tudo, como sendo de muito maior importância e valor do que as coisas temporais.

Segundo, tais coisas devem ser buscadas, como um meio para um fim. Quando buscamos coisas materiais de Deus, não deve ser para que possamos ser gratificados, mas como uma ajuda para que O glorifiquemos mais. Terceiro, devemos buscar de maneira submissa, não ditatorialmente; pois caso contrário, cometeríamos o pecado da presunção. Além disso, não sabemos se qualquer misericórdia temporal

realmente contribuiria para o nosso bem maior (Sl 106:18), e, portanto, devemos deixar para Deus decidir.

Temos desejos internos e externos. Alguns deles podem ser discernidas à luz da consciência, como a culpa e a profanação do pecado. No entanto, o conhecimento que temos de nós mesmos por meio da consciência é tão sombrio e confuso que, caso não tenhamos o Espírito, não somos capazes de descobrir a verdadeira fonte santa. As coisas sobre as quais os crentes fazem e devem tratar principalmente com Deus em suas súplicas são as disposições espirituais de suas almas. Davi não ficou satisfeito em confessar todas as transgressões conhecidas e seu pecado original (Sl 51:1-5), nem ainda com um reconhecimento de que ninguém conseguia entender seus erros, de onde desejava ser purificado de falhas ocultas (Sl 19:12); mas ele também implorou para que Deus empreendesse nele uma busca interior de seu coração, para descobrir o que estava estranho nele (Sl 139:23,24). Ele sabia que Deus requer principalmente “verdade no íntimo” (Sl 51:6). Assim, tendo em vista 1 Coríntios 2:10-12, devemos definitivamente buscar a ajuda do Espírito para que possamos orar de forma aceitável a Deus.

Somos beneficiados pelas Escrituras quando o Espírito nos ensina o fim certo que devemos ter em mente ao orar. Deus designou a ordenança da oração com pelo menos uma finalidade tripla. Primeiro, que o grande Deus triuno possa ser honrado, pois a oração é um ato de adoração, uma homenagem prestada, para o Pai como o Doador, em nome do Filho, por meio de quem podemos abordá-Lo e pela mudança e direcionamento do poder do Espírito Santo.

Segundo, Ele designou a oração para humilhar nossos corações, pois a oração é ordenada a nos trazer para o lugar da dependência, para desenvolver dentro de nós um sentimento de nosso desamparo, para entendermos que sem o Senhor não podemos fazer nada, e que somos mendigos sem Sua graça. Por meio da oração, o Espírito remove o orgulho de nós, e dá a Deus seu verdadeiro lugar em nossos corações e pensamentos.

Terceiro, Ele designou a oração como um meio ou forma de obter para nós mesmos as coisas boas pelas quais pedimos. Uma das principais razões pelas quais tantas de nossas orações permanecem sem resposta é porque temos uma finalidade indigna em vista. Nosso

Salvador disse: “Pedi, e dar-se-vos-á” (Mt 7:7), mas Tiago afirma: “Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” (Tg 4:3). Orar por qualquer coisa, sem ter em mente a finalidade que Deus deseja, é “pedir errado”, e, portanto, tal oração não será atendida. Podemos ter certeza de qualquer oração que provenha da confiança que possamos ter em nossa própria sabedoria e integridade, nunca será adequada à vontade de Deus. A menos que o Espírito contenha a carne dentro de nós, nossos próprios afetos naturais e destemperos se misturam em nossas súplicas. “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10:31).

Somos beneficiados pelas Escrituras quando somos ensinados a pleitear as promessas de Deus. A oração deve ser em fé (Rm 10:14), ou Deus não vai ouvi-la. Agora a fé visa as promessas de Deus (Hb 4:1; Rm 4:21); se, portanto, não entendemos o que Deus prometeu, não podemos orar. As promessas de Deus direcionam a oração e definem a medida dela. O que Deus prometeu, tudo o que Ele prometeu, e nada mais, devemos orar. “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus” (Dt 29:29), mas a declaração de Sua vontade e a

revelação de Sua Graça pertencem a nós, e devem ser nossas guias. Não há nada que realmente precisamos, além do que Deus prometeu fornecer. Tudo que nos é fornecido, com suas “limitações”, será bom e útil para nós. Assim também não há nada que Deus tenha prometido, que Ele não nos dará. Assim, quanto melhor estamos familiarizados com as promessas divinas, e quanto mais estamos habilitados a compreender a bondade, a graça e a misericórdia, mais bem equipados estamos para oferecer uma oração aceitável.

Algumas das promessas de Deus são gerais e não específicas; algumas são condicionais, outras, incondicionais; algumas são cumpridas nesta vida, outras, no mundo que está por vir. Também não somos capazes de discernir qual promessa é mais adequada ao nosso caso particular e apresentar um caso de emergência ou necessidade perante Deus. Por isso nos é dito: “Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado

gratuitamente” (1 Co 2:11,12). Se alguém responder: “Se tanta coisa é necessária para orar de maneira aceitável perante Deus, se não podemos suplicar a Deus direito, sem essas qualificações, poucos continuarão por muito tempo neste dever”. Para tal homem respondemos que ele não sabe o que é orar, nem parece disposto a aprender.

Nós somos beneficiados pelas Escrituras quando somos trazidos para submissão completa a Deus. Como dito acima, um dos projetos divinos na oração é que podemos ser humilhados. Isto é externamente denotado quando nos curvamos o joelho diante do Senhor. A oração é um reconhecimento de nosso desamparo, e um olhar para Aquele de quem toda a nossa ajuda vem. A oração é uma demonstração de que nós acreditamos na suficiência de Deus para suprir todas as nossas necessidades. Devemos fazer conhecidas, diante de Deus, as nossas petições (Fp 4:6); mas os pedidos são muito diferentes das demandas. “O trono da graça não está ali para que possamos vir e ali desabafar nossas paixões diante de Deus” (*W. Gurnall*).

Devemos espalhar nosso caso diante de Deus, mas deixá-lo, em Sua sabedoria superior, prescrever como

tal caso deve ser tratado. Não deve haver mandamentos de nossa parte, nem podemos reivindicar qualquer coisa de Deus, pois somos mendigos dependentes de Sua mera misericórdia. Em toda a nossa oração devemos acrescentar: “No entanto, não de acordo com o meu desejo, mas de acordo com o Teu”. Por acaso, a fé não pode alegar as promessas de Deus e esperar uma resposta? Certamente, deve ser a resposta de Deus e não a nossa. Paulo implorou ao Senhor três vezes para remover seu espinho na carne; em vez de fazer o que foi pedido, o Senhor deu-lhe graça para suportá-lo (2 Co 12).

Muitas das promessas de Deus são públicas ao invés de pessoais. Ele prometeu a Sua Igreja pastores, professores e evangelistas, mas muitas congregações locais de Seus santos definharam por muito tempo sem eles. Algumas das promessas de Deus são indefinidas e gerais, em vez de absolutas e universais; como, por exemplo em Efésios 6:2,3. Deus não tem a obrigação de nos conceder a coisa particular que pedimos mesmo que peçamos com fé. Além disso, Ele reserva a Si mesmo o direito de determinar o tempo e a estação para conceder Suas misericórdias. “Buscai o SENHOR, vós

todos os mansos da terra... porventura, lograreis esconder-vos no dia da ira do SENHOR” (Sf 2:3). Só porque “pode ser” a vontade de Deus de conceder uma certa misericórdia temporal a mim, é meu dever me lançar sobre Ele e implorar por isso, mas com total submissão ao Seu bom prazer.

Somos beneficiados pelas Escrituras quando a oração se torna uma verdadeira e profunda alegria. Apenas recitar nossas orações todas as manhãs e noites é uma tarefa irritável, um dever a ser realizado que traz um suspiro de alívio quando é feito. Mas realmente entrar na presença de Deus, contemplar a gloriosa luz de Seu semblante, de se comunicar com Ele na certeza de Sua misericórdia, é um prenúncio da felicidade eterna que nos espera no céu. Aquele que é abençoado com essa experiência diz como o Salmista: “Quanto a mim, bom é estar junto a Deus” (Sl 73:28). Sim, é bom para o coração pois é acalmado; bom para a fé pois é fortalecida; bom para a alma pois é abençoada. A falta desta comunhão de alma com Deus que é a causa principal de nossas orações sem resposta: “Agrada-te do Senhor, e ele satisfará os desejos do teu coração” (Sl 37:4).

O que é que, sob a bênção do Espírito, produz e promove essa alegria em oração? Primeiro, é o prazer do coração em Deus como o Objeto da oração, e particularmente o reconhecimento de Deus como nosso Pai. Assim, quando os discípulos pediram ao Senhor Jesus para ensiná-los a orar, Ele disse: “Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus”. Também nos é dito: “E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!” (Gl 4:6). Tal afirmação inclui uma verdade filial, inclui prazer sagrado em Deus, como as crianças têm em seus pais o recanto mais afetoso. Então, novamente, em Efésios 2:18, nos é dito, para o fortalecimento da fé e do conforto de nossos corações: “Porque, por ele (Cristo), ambos temos acesso ao Pai em um Espírito”. Que paz, que garantia, que liberdade o fato de saber que estamos nos aproximando de nosso Pai, traz a alma.

Em segundo lugar, a alegria na oração é iluminada pela apreensão do coração e pela visão, pela fé, de Deus no trono da graça; uma visão ou perspectiva, não pela imaginação carnal, mas pela iluminação espiritual, pois é pela fé que vemos Aquele que é invisível (Hb 11:27). Fé

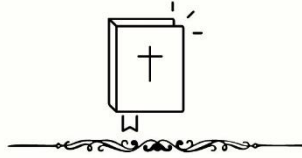
“é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11:1). Dessa forma, tal olhar de fé torna seu Objeto evidente e presente a aqueles que acreditam. Tal visão de Deus sobre o “trono” não pode deixar de emocionar a alma. Portanto, somos exortados: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:16).

Em terceiro lugar, e extraídos das últimas escrituras citadas, a liberdade e o prazer na oração são estimulados pela consciência de que Deus está, através de Jesus Cristo, disposto e pronto para distribuir graça e misericórdia aos pecadores suplicantes.

Não há nenhuma relutância n’Ele que temos que superar. Ele é mais pronto para dar do que nós somos para receber.

Então Ele está representado em Isaías 30:18: “Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós”. Sim, Ele espera ser procurado; espera que a fé se aposses de Sua prontidão para abençoar. Sua orelha está sempre aberta aos gritos dos justos. Em seguida, “aproximemo-

nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura” (Hb 10:22). “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (Fp 4:6,7).



5. As Escrituras e Boas Obras

A verdade de Deus pode muito bem ser comparada a um caminho estreito contornado de ambos os lados por um precipício perigoso e destrutivo. Em outras palavras, a verdade de Deus está entre dois abismos de erro. A realidade dessa analogia pode ser vista em nossa propensão a balançar de um extremo para outro. Só a habilitação do Espírito Santo pode nos fazer preservar o equilíbrio e impedir o fracasso de fazer o que inevitavelmente leva a uma queda no erro. O erro é tanto a negação da verdade como a perversão dela.

A história da teologia ilustra este fato de forma solene. Uma geração de homens lutou por esse aspecto da verdade que era mais necessário em sua época. A geração seguinte, em vez de andar nela e seguir em frente, guerreou-a intelectualmente como a marca distintiva de seu partido, e geralmente, em sua defesa do que foi agredido, se recusaram a ouvir a verdade que muitas vezes seus oponentes insistiam. O resultado de tal atitude é que eles perderam o senso de perspectiva e enfatizaram o que acreditavam, fora das proporções. Consequentemente, a geração seguinte, despreza ou quase ignora a doutrina aparentemente conflitante.

“Raios de luz, procedem do sol, estrela ou vela, movem-se em linhas retas perfeitas. Entretanto, tão inferior são nossos trabalhos para Deus que a mão mais constante não pode desenhar uma linha perfeitamente reta” (T. Guthrie, 1867).

Seja assim ou não, certo é que os homens, deixados para si mesmos, já acharam impossível manter a linha da verdade uniforme entre o que parecem ser doutrinas conflitantes; como a soberania de Deus e a responsabilidade do homem; eleição por graça e a

proclamação universal do Evangelho; a fé justificadora de Paulo e as obras justificadoras de Tiago. Muitas vezes, onde a soberania absoluta de Deus tem sido insistida, tem sido para ignorar a responsabilidade do homem; e onde a eleição incondicional está sendo ensinada, é em detrimento da pregação do Evangelho para todos. Por outro lado, onde a responsabilidade humana foi mantida e um ministério evangélico foi sustentado, a soberania de Deus e a verdade da eleição foram geralmente reduzidas ou completamente ignoradas.

Muitos de nossos leitores testemunharam exemplos que ilustram a verdade do que foi dito acima, mas poucos parecem perceber que exatamente a mesma dificuldade é experimentada quando uma tentativa é feita para mostrar a precisa relação entre fé e boas obras. Se, por um lado, alguns erraram ao atribuir as boas obras um lugar que as Escrituras não atribuem; certeza é que, por outro lado, alguns falharam em dar ao assunto das boas obras a importância que as Escrituras lhes atribuem. Se, por um lado, é um erro grave atribuir nossa justificação perante Deus a qualquer obra nossa, por outro lado, também é um erro negar a importância das boas obras. Estamos bem cientes de que estamos

agora (digamos) pisando em gelo fino, e correndo um sério risco de sermos acusados de heresia; no entanto, consideramos conveniente buscar ajuda divina para lidar com essa dificuldade.

Em algumas igrejas, as verdades sobre a fé, embora não totalmente negadas, foram depreciadas por causa de um zelo para ampliar as boas obras. Em outras, reputadas como ortodoxas (e tais igrejas são as que temos agora principalmente em mente), as boas obras são raramente atribuídas ao seu lugar adequado, e muito raramente os cristãos em tais igrejas estão sendo pressionados, com seriedade apostólica, para andar em boas obras. Sem dúvida, isso se deve às vezes ao medo de desvalorizar a fé, e encorajar os pecadores no erro fatal de confiar em suas próprias atuações em vez de confiar na justiça de Cristo.

Mas tais cogitações não devem impedir um pregador de declarar todo o conselho de Deus. Se seu tema a ser abordado é a fé em Cristo, como o Salvador dos perdidos, deixe-o totalmente expor essa verdade sem qualquer modificação, dando a esta graça o lugar que o apóstolo deu em Atos 16:31. Mas se seu assunto é referente a obras, que não seja abordado de forma

menos fiel; que não se esqueça do comando divino: “Fiel é esta palavra, e quero que, no tocante a estas coisas, faças afirmação, confiadamente, para que os que têm crido em Deus sejam solícitos na prática de boas obras” (Tt 3:8).

A última porção da escritura citada é a mais pertinente para estes dias de frouxidão, de profissão inútil e ostentação vazia. A expressão “boas obras” é encontrada no Novo Testamento no singular ou no plural não menos de trinta vezes; no entanto, muitos pregadores que são estimados na fé acreditam que esse termo é citado apenas uma ou duas vezes em toda a Bíblia e por isso não abordam tal tema. Falando aos judeus sobre outro assunto, o Senhor disse: “O que Deus ajuntou não separe o homem” (Mc 10:9). Em Efésios 2:8-10, Deus juntou duas coisas vitais e abençoadas que nunca devem ser separadas em nossos corações e mentes, mas são mais frequentemente separadas no púlpito moderno. Quantos sermões são pregados a partir dos dois primeiros versos, que tão claramente declaram a salvação como sendo pela graça através da fé e não das obras. No entanto, como raramente somos lembrados de que a frase que começa com graça e fé só

é completada no versículo 10, onde nos é dito: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”.

Começamos esta série apontando que a Palavra de Deus pode ser tomada de vários ângulos e lida com diferentes motivações, mas em 2 Timóteo 3:16,17, nos é dito que a Escritura é realmente “útil”, ou seja, para doutrina ou ensino, para reprovação, correção, instrução na justiça, para que “o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. Tendo educado em seus ensinamentos sobre Deus e Cristo, suas reprovações e correções contra o pecado, suas instruções em relação à oração, vamos agora considerar como a Escritura nos torna hábil para “toda boa obra”. Aqui está outro critério vital pelo qual uma alma honesta, com a ajuda do Espírito Santo, pode verificar se sua leitura e estudo da Palavra está realmente sendo uma fonte de benção.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando aprendemos o verdadeiro lugar de boas obras. Muitas pessoas, em sua ânsia de apoiar a ortodoxia como sistema, falam da salvação pela graça e

pela fé de forma a subestimar a santidade e uma vida dedicada a Deus. Mas não há motivo para isso nas Escrituras Sagradas. O mesmo Evangelho que declara a salvação como sendo livremente pela graça de Deus através da fé no sangue de Cristo, que afirma, nos termos mais fortes, que os pecadores são justificados pela justiça do Salvador imputado a eles sobre sua crença n'Ele, também nos afirma, que sem santidade nenhum homem verá Deus; que os crentes são purificados pelo sangue da expiação; que seus corações são purificados pela fé; que o amor concedido supera o mundo; e que a graça que traz salvação a todos os homens, ensina aqueles que a recebem, a negar a luxúria e o mundanismo.

“Qualquer adulteração com as Escrituras, a fim de silenciar seu testemunho em favor dos frutos da justiça, como absolutamente necessário no cristão, é uma perversão e falsificação com respeito à Palavra de Deus” (Alexander Carson).

Mas que força (pergunte a alguns) tem essa ordenação ou comando de Deus para boas obras, quando, apesar disso, embora não nos apliquemos

diligentemente à obediência, seremos justificados pela imputação da justiça de Cristo, e assim poderemos ser salvos sem elas?

Tal objeção sem sentido provém da total ignorância do estado atual do crente e da relação com Deus. Para supor que os corações dos regenerados não são efetivamente influenciados com a autoridade e os comandos de Deus, é ignorar o que é a verdadeira fé. Além disso, supor tal coisa é perder de vista a conexão inseparável que Deus fez entre nossa justificação e nossa santificação. Supor que um desses pode existir sem o outro é derrubar o Evangelho inteiro. (Veja Romanos 6:1-3).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados da necessidade absoluta de boas obras. Se for escrito que “sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb 9:22) e “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6), a Escritura da Verdade também declara: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14). A vida vivida pelos santos no céu é apenas a conclusão consumada dessa vida que, após a regeneração, eles vivem aqui na terra. A diferença entre

os dois não é uma diferença de tipo, mas de grau. “A vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4:18).

Se não houver andar com Deus aqui embaixo, não haverá habitação com Deus lá em cima. Se não houver nenhuma real comunhão com Ele no tempo, não haverá nenhuma comunhão com Ele na eternidade. A morte não gerará mudança vital no coração. É bem verdade que na morte os restos do pecado são para sempre deixados para trás pelo santo, mas nenhuma nova natureza é então transmitida. Se então ele não odeia o pecado, e se ele não ama a santidade antes da morte, ele certamente não o fará depois.

Ninguém realmente deseja ir para o inferno, embora haja poucos de fato que estão dispostos a abandonar essa estrada ampla que inevitavelmente leva até lá.

Todos gostariam de ir para o céu, mas os cristãos professos estão realmente dispostos e determinados a andar por esse caminho estreito que leva para lá? É neste ponto que podemos discernir o lugar preciso que boas obras têm em conexão com a salvação.

As boas obras não o faz merecedor, mas são inseparáveis da verdadeira fé.

Elas não adquirem um título para o céu, mas estão entre os meios que Deus designou para o seu povo chegar lá. Em nenhum sentido as boas obras são a causa de aquisição da vida eterna, mas elas fazem parte dos meios, pois é o trabalho do Espírito dentro de nós em gerar o arrependimento, fé e obediência por nós, que nos conduzem até lá. Deus nomeou o caminho onde devemos caminhar para chegarmos à herança comprada para nós por Cristo. Uma vida de obediência diária a Deus é evidência da fé; é a evidência da real admissão ao gozo de que Cristo comprou para seu povo.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados sobre a finalidade das boas obras. Isso é claramente divulgado em Mateus 5:16: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”. É digno de nosso aviso que esta é a primeira ocorrência da expressão, e, como geralmente é o caso, a menção inicial de um conceito nas Escrituras insinua seu escopo e uso subsequentes.

Aqui aprendemos que os discípulos de Cristo devem

autenticar sua profissão de fé cristã também de forma silenciosa, por meio de suas vidas (pois “luz” não faz barulho em seu “brilho”); que os homens possam ver (não ouvir gabaritos sobre) suas boas obras, e que por meio disso, o Pai Celestial seja glorificado. Aqui, então, vemos a finalidade fundamental: Para a honra de Deus.

Como o conteúdo de Mateus 5:16 é geralmente mal compreendido, deveremos adicionar uma explicação adicional. Muito comumente as “boas obras” são confundidas com a própria “luz”; são bastante distintas, embora inseparavelmente conectadas. A “luz” é nosso testemunho para Cristo, mas de que valor é esse testemunho, a menos que a própria vida exemplifique? As “boas obras” não são para direcionar a direção da atenção para nós mesmos, mas para Aquele que as destinou para nós. Elas devem ser de tal caráter e qualidade que mesmo o ímpio saberá que elas procedem de alguma fonte mais alta do que a natureza humana caída. Um fruto sobrenatural requer uma raiz sobrenatural, e quando isso é reconhecido, o Marido é glorificado.

Igualmente significativo é a última referência à “boas obras” nas Escrituras: “Mantendo exemplar o

vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitaçãõ” (1 Pe 2:12). Assim, as primeiras e últimas alusões enfatizam sua finalidade: Glorificar a Deus por causa de Suas obras através de Seu povo neste mundo.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados, assim, com a verdadeira natureza das boas obras. Isto é algo sobre o qual os não regenerados são ignorantes. A julgar apenas pelo externo, estimando as coisas apenas pelos padrões humanos, eles são bastante incompetentes para determinar o que é bom para Deus e o que não é. Os não regenerados permanecem na escuridão de seus entendimentos. Ninguém pode convencê-los de seu erro, até que o Espírito Santo os acorde para a novidade da vida, trazendo-os para fora da escuridão para a maravilhosa luz de Deus. Só então eles entenderão que as boas obras são somente aquelas feitas em obediência à vontade de Deus (Rm 6:16), de um princípio de amor a Ele (Hb 10:24), em nome de Cristo (Cl 3:17), e para glória de Deus (1 Co 10:31).

A verdadeira natureza das “boas obras” foi perfeitamente exemplificada pelo Senhor Jesus. Tudo o que Ele fez foi feito em obediência ao Seu Pai. Ele “não agradou a si mesmo” (Rm 15:3), mas fez a vontade d’Aquele que o havia enviado (Jo 6:38). Ele poderia dizer: “Eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8:29). Não havia limites para a sujeição de Cristo à vontade do Pai: Ele “tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2:8). Assim também tudo o que Ele fez partiu do amor ao Pai e do amor ao seu próximo. O amor é o cumprimento da Lei; sem amor, a conformidade com a Lei não é nada, é apenas uma sujeição servil, e isso não pode ser aceitável para Aquele que é Amor. Outra prova de que toda a obediência de Cristo fluiu do amor é encontrado em Suas palavras: “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu” (Sl 40:8). Assim também tudo o que Cristo fez era visando a glória do Pai: “Pai, glorifique o teu nome” (Jo 12:28).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados sobre qual é a verdadeira fonte de boas obras. Homens não regenerados são capazes de realizar trabalhos que em um sentido natural e civil, embora não no sentido

espiritual, são bons. Eles podem fazer aquelas coisas que, externamente, quanto à matéria e substância delas, são boas; como ler a Bíblia, frequentar uma igreja, dar esmola aos pobres; no entanto, a falta de motivação piedosa, torna-os como trapos imundos à vista do Deus que é três vezes santo. Os não regenerados não têm poder para realizar obras de forma espiritual, e, por isso nos é dito: “Todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3:12). Também não são capazes, pois eles “não estão sujeitos à lei de Deus, nem mesmo podem estar” (Rm 8:7). “Olhar altivo e coração orgulhoso, a lâmpada dos perversos, são pecado” (Pv 21:4). Nem os crentes são capazes de pensar um bom pensamento ou realizar um bom trabalho de si mesmos (2 Co 3:5). É Deus quem trabalha neles “tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13).

“Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal” (Jr 13:23). Temos que primeiro sermos “criados em Cristo Jesus” (Ef 2:10). Seu Espírito tem que primeiro ser colocado dentro de nós (Gl 4:6), e Sua graça implantada em nossos

corações (Ef 4:7; 1 Co 15:10) antes que haja qualquer capacidade para boas obras. Mesmo assim não podemos fazer nada sem Cristo (Jo 15:5). Muitas vezes temos vontade de fazer o que é bom, mas não conseguimos executar tal querer (Rm 7:18). Isso nos deixa de joelhos, implorando a Deus para nos tornar perfeitos em cada boa obra, trabalhando em nós “o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo” (Hb 13:21). Assim, somos esvaziados da auto-suficiência, e levados a perceber que todas as nossas nascentes estão em Deus (Sl 87:7); e assim descobrimos que podemos fazer todas as coisas através de Cristo que nos fortalece (Fp 4:13).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados sobre a grande importância de boas obras. Boas obras são de grande importância porque por meio delas, Deus é glorificado (Mt 5:16), por meio delas as bocas daqueles que falam contra nós estão fechadas (1 Pe 2:12) e por meio delas evidenciamos a autenticidade de nossa profissão de fé (Tg 2:13-17). É altamente conveniente que somos verdadeiros crentes quando adornamos, “em todas as coisas, a doutrina de Deus nosso Salvador” (Tt 2:10). Nada traz mais honra a Cristo do que quando aqueles

que carregam Seu Nome são encontrados vivendo constantemente de uma maneira semelhante a Cristo.

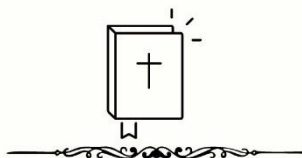
Não foi por acaso que o mesmo Espírito que levou o apóstolo a escrever no prefácio de sua declaração sobre a vinda de Cristo neste mundo para salvar pecadores: “Fiel é esta palavra”, etc., também o comoveu a escrever: “Fiel é esta palavra... que os que têm crido em Deus sejam solícitos na prática de boas obras” (Tt 3:8). Que sejamos de fato “zelosos de boas obras” (Tt 2:14).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados sobre o verdadeiro escopo das boas obras. Isso inclui todos os nossos deveres em todas as relações em que Deus nos colocou. É interessante e instrutivo notar a primeira boa obra; a unção do Salvador por Maria (Mt 26:10; Mc 14:6). Indiferente à culpa ou ao louvor dos homens, com olhos apenas para o mais Belo de todos, ela esbanjou sobre Ele seu precioso óleo. Outra mulher; Dorcas (At 9:36), também é mencionada como sendo “notável pelas boas obras”.

“A fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra” (Cl 1:10). Exercitar hospitalidade (alojamento espiritual),

ENRIQUECENDO-SE COM A BÍBLIA

lavar os pés dos santos (ministrando aos seus confortos temporais) e socorrer os atribulados (1 Tm 5:10) são coisas mencionados como sendo “boas obras”. Eu espero que nossa leitura e estudo das Escrituras estejam nos tornando melhores soldados de Jesus Cristo, melhores cidadãos do país em que nós estamos, melhores membros de nossas casas terrenas (mais gentis e mais altruístas), completamente preparados para todas as boas obras.



6. As Escrituras e Obediência

Todos os cristãos professos estão de acordo, pelo menos em teoria, de que é o dever limitado daqueles que carregam Seu Nome, honrar e glorificar Cristo neste mundo. Mas quanto à forma como isso deve ser feito, quanto ao que Ele exige de nós, há uma grande diferença de opinião. Muitos supõem que honrar Cristo simplesmente significa se juntar a alguma “igreja”, participar e apoiar suas várias atividades. Outros acham que honrar Cristo significa falar d’Ele com os outros e ser diligentemente engajado em evangelismo pessoal.

Outros parecem imaginar que honrar Cristo significa fazer contribuições financeiras para sua causa. Poucos realmente percebem que Cristo é honrado apenas quando vivemos inteiramente para Ele, e quando caminhamos em sujeição à Sua vontade revelada. Poucos realmente acreditam nas palavras proferidas por Ele mesmo: “Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” (1 Sm 15:22).

Não somos cristãos a menos que tenhamos nos rendido totalmente e recebido Cristo Jesus, como Senhor de nossas vidas (Cl 2:6). Gostaríamos que ponderasse essa declaração diligentemente. Satanás está enganando muitos hoje, levando-os a supor que eles estão confiando salvadoramente na “obra finalizada” de Cristo enquanto seus corações permanecem inalterados e o eu ainda continua governando suas vidas.

Ouçã a Palavra de Deus: “A salvação está longe dos ímpios, pois não procuram os teus decretos” (Sl 119:155). Você realmente busca Sua vontade? Você diligentemente procura descobrir na Palavra o que Ele ordenou? “Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a

verdade” (1 Jo 2:4). O que poderia ser mais claro do que isso? “Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” (Lc 6:46).

Obediência ao Senhor na vida, não apenas por meio das palavras brilhantes dos lábios, é o que Cristo exige. Que palavra solene encontramos no livro de Tiago 1:22: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos!” Há muitos “ouvintes” da Palavra, ouvintes regulares, ouvintes reverentes, ouvintes interessados; mas, infelizmente, o que eles ouvem não está sendo incorporado à vida deles; não regula a caminhada deles. E Deus diz que aqueles que não são praticantes da Palavra estão enganando a si mesmos!

Infelizmente, quantos são esses na Cristandade nos dias de hoje! Eles não são hipócritas, mas iludidos. Eles supõem que, porque eles são tão certo sobre a doutrina da salvação apenas pela graça, eles são salvos. Eles supõem que, por se sentarem sob o ministério de um homem que os entretém com a Bíblia, eles estão crescendo na graça. Eles supõem que, porque sua reserva de conhecimento bíblico aumentou, eles são mais espirituais. Eles supõem que por somente ouvirem

um servo de Deus, eles estão se alimentando da Palavra.

Não é assim! Nós nos alimentamos da Palavra apenas quando nos apropriamos pessoalmente, mastigamos e assimilamos em nossas vidas o que ouvimos ou lemos. Onde não há uma conformidade crescente de coração e vida com a Palavra de Deus, o conhecimento aumentado só trará um aumento da condenação. “Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites” (Lc 12:47).

“Aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade” (2 Tm 3:7). Esta é uma das características proeminentes dos perigos tempos em que vivemos agora. As pessoas ouvem um pregador após o outro, participam desta e daquela conferência, leem livros após livros sobre assuntos bíblicos, e ainda assim nunca alcançam um conhecimento vital e prático da verdade, de modo a ter uma impressão de seu poder e eficácia sobre a alma. Existe uma doença espiritual, da qual multidões estão sofrendo nos dias de hoje. Quanto mais ouvem, mais querem ouvir; bebem dos sermões com avidez, mas suas vidas são inalteradas. Eles são

inchados com seu conhecimento, mas não são humilhados na poeira diante de Deus. A fé dos eleitos de Deus é “o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade” (Tt 1:1), mas para isso a grande maioria são estranhos.

Deus nos deu Sua Palavra não apenas com o projeto de nos instruir mas com o propósito de nos direcionar, de nos fazer saber o que Ele exige que façamos. A primeira coisa que precisamos é de um conhecimento claro e distinto do nosso dever; e a primeira coisa que Deus exige de nós é uma prática consciente do que ouvimos e lemos, correspondente ao nosso conhecimento. “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6:8). “De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” (Ec 12:13). O Senhor Jesus afirmou a mesma coisa quando Ele disse: “Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando” (Jo 15:14).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando descobrimos as exigências de Deus,

Suas exigências eternas, pois Ele não muda. É um grande e grave erro supor que nesta presente dispensação Deus baixou suas exigências, pois isso implicaria necessariamente que sua demanda anterior era errada. Não é assim! “A lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom” (Rm 7:12). A soma das exigências de Deus é: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6:5); e o Senhor Jesus repetiu tal mandamento em Mateus 22:37. O apóstolo Paulo apresentou a mesma ideia, quando escreveu: “Se alguém não ama o Senhor, seja anátema” (1 Co 16:22).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando descobrimos o quão inteiramente e quão pecaminosamente falhamos em atender às exigências de Deus. E vale salientar que nenhum homem pode ver quão pecador ele é, como infinitamente baixo ele está ao comparar ao padrão de Deus, até que ele tenha uma visão clara das exigências exaltadas de Deus sobre ele! À medida que os pregadores baixam o padrão de Deus referente ao que Ele exige de cada ser humano, seus ouvintes obterão uma concepção inadequada e defeituosa de seu pecado,

e menos perceberão sua necessidade de um Salvador todo-poderoso. Mas uma vez que uma alma realmente percebe quais são as exigências de Deus, e como completamente e constantemente ela não tem conseguido cumprir tais exigências, então ela reconhece a situação desesperadora em que ela se encontra. A lei deve ser pregada antes do Evangelho ser pregado.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados, que Deus, em Sua infinita graça, cumpriu plenamente, para o Seu povo, Suas próprias exigências. Neste ponto, também, muita pregação atual é seriamente defeituosa. O que está sendo pregado nos dias de hoje é o que pode ser vagamente chamado de “meio Evangelho”, mas que na realidade é uma negação do verdadeiro Evangelho.

Cristo é pregado, mas apenas como uma espécie de peso. Que Cristo atendeu todas as exigências de Deus por todos os que acreditam n’Ele é abençoadamente verdadeiro, mas é apenas uma parte da verdade. O Senhor Jesus não só cumpriu para Seu povo os requisitos da justiça de Deus, mas também garantiu que eles os satisfarão pessoalmente também.

Cristo adquiriu o Espírito Santo para fazer neles o

que o Redentor fez por eles. O grande e glorioso milagre da salvação é que os salvos são regenerados. Um trabalho transformador é feito dentro deles. Seus entendimentos são iluminados, seus corações são alterados, suas vontades são renovadas. Eles são feitos novas criaturas em Cristo Jesus (2 Co 5:17).

Deus se refere a este milagre da graça da seguinte maneira: “Na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei” (Hb 8:10). O coração está agora inclinado à lei de Deus, pois foi dado a ele uma disposição que o faz querer cumprir às suas demandas; há um desejo sincero de realizar todas as coisas exigidas e prescritas. E assim a alma renovada é capaz de dizer: “Ao meu coração me ocorre: Buscai a minha presença; buscarei, pois, SENHOR, a tua presença” (Sl 27:8).

Cristo não somente conquistou uma perfeita obediência à Lei para a justificação de Seu povo crente, mas também, por meio de tal obediência, conquistou para eles os suprimentos de Seu Espírito que são essenciais para santificação, e que sozinho pode transformar criaturas carnis em santos que obedecem

a Deus. Embora Cristo tenha morrido pelo “ímpio” (Rm 5:6), embora Ele os encontre em podridão (Rm 4:5) quando Ele os justifica, Ele não os deixa naquele estado abominável. Pelo contrário, Ele efetivamente os ensina por Seu Espírito a negar a impiedade e a luxúria mundana (Tt 2:12). Assim como o peso não pode ser separado de uma pedra, ou calor de um fogo, a justificação não pode ser separada da santificação.

Quando Deus realmente perdoa um pecador, sob o sentido dessa graça incrível o coração é purificado, a vida é retificada, e todo o homem é santificado. Cristo “se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tt 2:14). Assim como uma substância e suas propriedades, as causas e seus efeitos estão inseparavelmente conectados, assim também a fé salvadora e a obediência sempre caminham juntas. Por isso lemos “a obediência por fé” (Rm 16:26).

Disse o Senhor Jesus: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama” (Jo 14:21). O amor é algo mais do que sentimento ou emoção; é um princípio de ação, e se expressa em algo mais do que expressões emotivas. O amor se expressa

por ações que agradam ao objeto amado. “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos” (1 Jo 5:3). Oh, meu leitor, você está enganando a si mesmo se você acha que ama Deus e ainda não tem nenhum desejo profundo e não faz nenhum esforço real para andar obedientemente diante d’Ele.

Mas o que é obediência a Deus? É muito mais do que um desempenho mecânico de certas funções. Eu posso ter sido criado por pais cristãos, e sob o cuidado deles posso ter adquirido certos hábitos morais. Mas eu lhes digo, mais uma vez, a obediência a Deus é muito mais do que estar em conformidade com a conduta do Seu povo. Eu posso entrar em uma igreja onde o Sábado é estritamente observado, e por respeito a eles, ou porque eu acho que é um bom e sábio caminho descansar um dia em sete, eu posso abster-me de todo o trabalho desnecessário naquele dia, e ainda assim não manter o quarto mandamento!

Obediência não é apenas sujeição a uma lei externa, mas é a rendição da minha vontade à autoridade de outro. A obediência a Deus é o reconhecimento do coração do Senhorio de Deus, do Seu direito de

comandar, e do meu dever de cumprir. É a sujeição completa da alma ao jugo abençoado de Cristo.

Essa obediência que Deus exige só pode proceder de um coração que o ama. “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor” (Cl 3:23). A obediência que nasce de um temor de punição é servil. A obediência que é realizada a fim de obter favores de Deus é egoísta e carnal. Mas a obediência espiritual e aceitável é alegremente exercida, pois é a resposta livre do coração e gratidão pelo amor de Deus por nós.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando não só vemos que é nosso dever obedecer a Deus, mas quando há um amor por Seus mandamentos. O homem “bem-aventurado” é aquele cujo “prazer está na lei do Senhor” (Sl 1:2). E mais uma vez lemos: “Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR e se compraz nos seus mandamentos” (Sl 112:1). Por acaso, você realmente valoriza Seus “mandamentos” tanto quanto valoriza Suas promessas? Você não deveria valorizar ambos, de maneira igual? De Seu amor emana as promessas e os mandamentos. A conformidade do coração com a voz de Cristo é a base para toda a santidade prática.

Aqui novamente nós sinceramente e amorosamente imploramos ao leitor para se atentar a este detalhe. Qualquer homem que supõe que é salvo e ainda não tem amor genuíno pelo mandamento de Deus está enganando a si mesmo. Disse o salmista: “Quanto amo a tua lei!” (Sl 119:97). E novamente: “Amo os teus mandamentos mais do que o ouro, mais do que o ouro refinado” (Sl 119:127).

Se alguém se opor, falando que no Antigo Testamento era diferente; perguntamos, se ele acredita que o Espírito Santo produz uma mudança menor nos corações daqueles que Ele agora regenera do que Ele fez nos de antigamente. O apóstolo Paulo, nos diz: “No tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (Rm 7:22). E, meu leitor, a menos que seu coração se deleite na “lei de Deus” há algo radicalmente errado com você; Sim, eu temo que você esteja espiritualmente morto.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando seu coração e vontade são cedidos a todos os mandamentos de Deus. Obediência parcial não é obediência alguma. Uma mente santificada declina qualquer coisa que Deus proíbe, e escolhe praticar tudo

o que Ele requer, sem exceção. Se nossas mentes não se submeterem a Deus em todos os Seus mandamentos, não nos submeteremos à Sua autoridade em qualquer coisa que Ele se insira. Se não praticarmos nosso dever em sua plenitude, estamos muito enganados ao imaginarmos que temos algum gosto pelas coisas celestiais. Uma pessoa que não tem nenhum princípio de santidade nela, pode ainda estar desinclinada a muitos vícios e ter o prazer de praticar muitas virtudes, mas sua desaprovação do vício e aprovação da virtude não surgem de qualquer disposição para se submeter à vontade de Deus.

A verdadeira obediência espiritual é imparcial. Um coração renovado não escolhe entre os mandamentos de Deus. O homem que faz isso não está realizando a vontade de Deus, mas a sua própria. Não se engane sobre este ponto; se não desejamos sinceramente agradar a Deus em todas as coisas, então verdadeiramente não queremos agradá-lo em nada. O eu deve ser negado; não apenas em algumas das coisas que possa desejar, mas em todas as coisas! Uma concessão intencional de qualquer pecado conhecido infringe toda a lei (Tg 2:10,11). “Então, não terei de que

me envergonhar, quando considerar em todos os teus mandamentos” (Sl 119:6). Disse o Senhor Jesus: “Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando” (Jo 15:14). Se eu não sou Seu amigo, então devo ser Seu inimigo, pois não há outra alternativa (Lc 19:27).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando a alma é movida para orar seriamente pela graça de Deus. Na regeneração, o Espírito Santo comunica uma natureza que é equipada para obediência de acordo com a Palavra. O coração foi e tem sido vencido por Deus. Há agora um profundo e sincero desejo de agradá-Lo. Mas a nova natureza não possui nenhum poder inerente, e o diabo e a velha natureza se esforçam constantemente contra a nova natureza. Dessa forma, o cristão é levado a dizer: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo” (Rm 7:18). Isso não significa que ele é escravo do pecado, como era antes da conversão; mas significa que ele não encontra em si mesmo força para executar suas aspirações espirituais. Portanto, ele ora: “Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me comprazo” (Sl 119:35); “Firma os meus passos na tua palavra, e não

me domine iniquidade alguma” (Sl 119:133).

Aqui, responderíamos a uma pergunta que as declarações acima provavelmente levantaram em muitas mentes: “Por acaso, você está afirmando que Deus requer perfeita obediência de nós nesta vida?” Nós respondemos que sim! Deus não definirá nenhum padrão mais baixo do que esse (1 Pe 1:15). Então o verdadeiro cristão se compara a esse padrão? Sim e não! Sim, em seu coração, e é para o coração que Deus olha (1 Sm 16:7). Em seu coração, cada pessoa regenerada tem um verdadeiro amor pelos mandamentos de Deus, e genuinamente deseja manter todos eles. É nesse sentido, e nesse sentido somente, que o cristão é “perfeito”. A palavra “perfeito”, tanto no Antigo Testamento (Jó 1:1, Sl 37:37) e no novo Testamento (Fp 3:15), significa “ereto”, “sincero”, em contraste com “hipócrito”.

“Tens ouvido, SENHOR, o desejo dos humildes” (Sl 10:17). Os “desejos” do santo são a língua de sua alma, e a promessa é: “Ele acode à vontade dos que o temem” (Sl 145:19). O desejo do cristão é obedecer a Deus em todas as coisas e estar completamente conformado com a imagem de Cristo. Mas isso só será realizado na ressurreição. Enquanto isso, o crente graciosamente

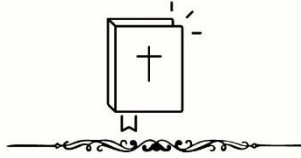
aceita a vontade revelada na Escritura (1 Pe 2:5). Ele conhece nossos corações e vê em Seus filhos um amor genuíno e um desejo sincero de manter todos os Seus mandamentos, e Ele aceita o desejo fervoroso e esforço cordial em vez de um desempenho prático total (2 Co 8:12). Mas que ninguém que vive em desobediência intencional se deite em falsa paz e perversa para sua própria destruição o que foi dito para o conforto daqueles que são sinceramente desejosos de procurar agradar a Deus em todos os detalhes de suas vidas.

Como, pois, posso saber que meus “desejos” são realmente os desejos daqueles que foram regenerados? Respondemos que a graça salvífica é a comunicação ao coração de uma disposição habitual aos atos sagrados. Os “desejos” do leitor devem ser testados assim: Eles são constantes e contínuos, ou apenas momentâneos e vazios? Eles são sérios, de modo que você realmente tem “fome e sede de justiça” (Mt 5:6)? Eles são operacionais e eficazes? Seus desejos são suficientemente fortes para levá-los ao ódio e se afastar do pecado intencional contra Deus que o levará ao inferno?

Muitos desejam ir para o céu, mas não para que entrem e sigam esse “caminho estreito” que leva até lá.

Os verdadeiros desejos espirituais usam os meios de graça e não poupam dores para seguir tal caminho. O verdadeiro coração convertido continua avançando com oração no caminho estabelecido diante deles.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando estamos, mesmo agora, desfrutando da recompensa de obediência. “A piedade para tudo é proveitosa” (1 Tm 4:8). Por obediência purificamos nossas almas (Pe 1:21). Por obediência, alcançamos os ouvidos de Deus (1 Jo 3:22), assim como a desobediência é uma barreira às nossas orações (Is 59:2; Jr 5:25). Por obediência, obtemos manifestações preciosas e íntimas de Cristo com a nossa alma (Jo 14:21). À medida que trilhamos o caminho da sabedoria, de completa sujeição a Deus descobrimos que “seus caminhos são caminhos deliciosos, e todas as suas veredas, paz” (Pv 3:17). Descobrimos que “seus mandamentos não são penosos” (1 Jo 5:3), e que “em os guardar há grande recompensa” (Sl 19:11).



7. *As Escrituras e o Mundo*

Muito é escrito para o cristão no Novo Testamento sobre “o mundo”, e sua atitude em relação a ele. A verdadeira natureza do mundo é claramente definida, e o crente é solenemente advertido contra ela. A Palavra Sagrada de Deus é uma luz do céu, que brilha nesse lugar escuro, o mundo (2 Pe 1:19). Seus raios divinos exibem suas verdadeiras cores, penetrando e expondo o falso revestimento e o *glamour* pelo qual muitos objetos são camuflados. Aquele mundo sobre o qual tanto trabalho é concedido e dinheiro gasto, e que é tão

exaltado e admirado por seus membros cegos, é declarado como “inimigo de Deus”; portanto, os filhos de Deus são proibidos de serem “conformados” a ele e de terem seus afetos sobre ele.

Uma das exortações que Deus dirigiu aos seus filhos, foi: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação” (1 Pe 2:2), e Ele instigou cada um deles honestamente e diligentemente a examinar-se de modo a descobrir se este foi ou não o caso deles. Também não estamos satisfeitos com um aumento do mero conhecimento das Escrituras. Nós precisamos nos preocupar mais com nosso crescimento prático, e com nossa conformidade evidente com a imagem de Cristo. E um ponto em que podemos nos testar é procurando saber se a nossa leitura e estudo da Palavra de Deus tem nos tornado menos mundanos.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando nossos olhos estão sendo abertos para discernir o verdadeiro caráter do mundo. Um dos poetas escreveu: “Deus está no Seu céu; tudo está certo com o mundo”. De um ponto de vista, tal afirmação é uma abençoada verdade, mas de outro é radicalmente

errada, pois “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1 Jo 5:19). Mas é apenas como o coração é sobrenaturalmente iluminado pelo Espírito Santo que estamos habilitados a perceber que é isso. O que é altamente estimado entre os homens é “abominação diante de Deus” (Lc 16:15). É muito gratificante quando a alma é capaz de ver que o “mundo” é uma fraude gigantesca, uma bugiganga oca, uma coisa vil, que deve um dia ser queimado.

Antes de irmos mais longe, vamos definir esse “mundo” que o cristão é proibido de amar. Há poucas palavras encontradas nas páginas da Bíblia que são usadas com uma maior variedade de significados do que esta. No entanto a atenção cuidadosa ao contexto geralmente determinará seu escopo. O “mundo”, nesse caso, é um sistema, completo em si mesmo. Representa a natureza humana caída agindo na família humana, modelando a estrutura da sociedade humana de acordo com suas próprias tendências. O reino da mente carnal é inimigo de Deus e tal mente não pode estar sujeita à lei de Deus (Rm 8:7). Onde quer que a “mente carnal” esteja, o “mundo” lá estará. A mundanidade é o mundo sem Deus.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da

Palavra quando aprendemos que o mundo é um inimigo a ser resistido e superado. O cristão é chamado a combater “o bom combate da fé” (1 Tm 6:12). Tal afirmação implica que há inimigos a serem confrontados e vencidos. Como existe a Santíssima Trindade: O Pai, o Filho e o Espírito Santo, também existe uma trindade maligna: A carne, o mundo e o Diabo. O filho de Deus é chamado a se envolver em um combate mortal contra o mundo. Digo mortal, pois ou o mundo irá destruí-lo ou você terá a vitória sobre ele. Resolva isso, então, em sua mente, meu leitor, que o mundo é um inimigo mortal e se você não o derrotar em seu coração, eu lhe afirmo que você não é um filho de Deus, pois está escrito que “todo o que é nascido de Deus vence o mundo” (1 Jo 5:4).

De muitas, as seguintes razões podem ser dadas sobre o porquê o mundo deve ser “superado”. Em primeiro lugar, todos os seus objetos sedutores tendem a desviar a atenção e alienar os afetos da alma, que devem ser direcionados a Deus. Naturalmente a tendência das coisas visíveis é afastar o coração das coisas invisíveis. Segundo, o espírito do mundo é diretamente oposto ao Espírito de Cristo; por isso, o

apóstolo escreveu: “Nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus” (1 Co 2:12). O Filho de Deus veio ao mundo, mas “o mundo não o conheceu” (Jo 1:10); portanto, seus príncipes e governantes crucificaram Ele (1 Co 2:8). Terceiro, suas preocupações e cuidados são hostis a uma vida devota e celestial. Os cristãos, como o resto da humanidade, são obrigados por Deus a trabalhar seis dias na semana; mas eles precisam estar constantemente em guarda, para que a cobiça não os domine.

“Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5:4). Nada além de uma fé dada por Deus pode superar o mundo. Mesmo quando o coração está ocupado com realidades invisíveis e eternas, ele pode ser abatido pelas influências de objetos mundanos. Os olhos da fé discernem as coisas em suas cores reais, e consegue ver as coisas que são vazias e vãs. Uma percepção das perfeições e presença de Deus faz com que o mundo pareça menos do que nada. Quando o cristão vê o Divino Redentor morrendo por seus pecados, vivendo para interceder por sua perseverança, reinando e anulando as coisas para sua salvação final, ele exclama: “Não há nada sobre a terra que eu desejo ao seu lado.”

Como você se sente enquanto lê essas afirmações? Você pode cordialmente parecer favorável ao que acabou de ser dito no último parágrafo, mas como é que você realmente se sente? As coisas que são tão valorizadas pelo charme não regenerado ecoam em sua mente? Ou sua alegria presente e satisfação são encontradas em objetos que nunca podem ser tirados de você? Não trate essas questões de maneira leviana, eu imploro, mas pondere-as seriamente na presença de Deus. A resposta honesta para tais questões será um resumo do estado real de sua alma, e indicará se você é enganado ou não sobre o fato de ser “uma nova criatura em Cristo Jesus”.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando temos a convicção que Cristo morreu para nos livrar deste “mundo perverso” (Gl 1:4). O Filho de Deus veio, não somente para “cumprir” os requisitos da lei (Mt 5:17), para “destruir as obras do diabo” (1 Jo 3:8), para nos livrar “da ira vindoura” (1 Ts 1:10), para nos salvar de nossos pecados (Mt 1:21), mas também para nos libertar da escravidão deste mundo, para livrar a alma de sua influência escravizante.

Isso foi previsto desde antigamente nas relações de

Deus com Israel. Eles eram escravos no Egito, e “Egito” era uma “figura” do mundo. Eles estavam em cativeiro cruel, gastando seu tempo fazendo tijolos para o Faraó. Eles foram incapazes de se libertar. Mas Jeová, por meio de Seu poderoso poder, os emancipou, e os trouxe para fora do forno flamejante. Da mesma forma Cristo age. Ele quebra o poder do mundo sobre seus corações. Ele torna tais homens independentes do mundo, fazendo com que eles deixem de cortejar seus favores e nem temam suas carrancas.

Cristo deu a si mesmo um sacrifício pelos pecados de Seu povo que, em consequência disso, eles são libertos do poder condenatório e da influência governante de tudo o que é o mal neste mundo presente. Eles são libertos do poder de Satanás, que é o príncipe desse mundo maligno, das luxúrias e da vaidade. E o Espírito Santo, que habita nos santos, coopera com Cristo nesta obra abençoada. Ele afasta seus pensamentos e afetos das coisas terrenas para as coisas celestiais. Pelo Seu poder, Ele os liberta da influência desmoralizante que os cerca, e os conforma com o padrão celestial. E à medida que o cristão cresce em graça, ele reconhece isso, e age cada vez mais em

busca de uma libertação ainda mais completa deste “mundo perverso”. O crente implora a Deus, cada vez mais, para libertá-lo completamente desse mundo maligno. O que uma vez o encantou agora é motivo de náuseas para ele. Ele almeja o tempo em que será tirado desse lugar, onde seu abençoado Senhor é tão gravemente desonrado.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando nossos corações estão sendo desmamados do mundo. “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo” (1 Jo 2:15).

“O que o obstáculo é para o viajante, o peso para o corredor, os galhos de cal para o pássaro em seu voo, assim é o amor do mundo a um cristão em seu curso; ou ele totalmente desvia de tal obstáculo ou é grandemente seduzido por ele” (Nathaniel Hardy, 1660).

A verdade é que até que o coração seja expurgado dessa corrupção, o ouvido será surdo à instrução divina. Somente quando somos levantados acima das coisas mundanos é que podemos ser obedientes a Deus. A verdade celestial desliza de uma mente carnal como

água a um corpo esférico.

O mundo virou as costas para Cristo, e embora Seu Nome seja professado em muitos lugares, não terá nada a ver com Ele. Todos os desejos dos mundanos são para a gratificação de si mesmos. Seus objetivos e buscas estão subordinados ao agrado de si mesmo. Os cristãos também estão no mundo, e não podem sair dele; mas eles vivem para a glória de seu Senhor. No mundo eles têm que ganhar a vida, sustentar suas famílias, e cuidar de seus negócios mundanos, mas eles são proibidos de amar o mundo, como se fosse algo que pudesse fazê-los felizes. Seu “tesouro” e “porção” devem ser encontrados em outro lugar.

O mundo apela a todos os instintos do homem caído. Contém mil objetos para encantá-lo. Todos esses objetos atraem sua atenção, a atenção cria um desejo e amor por eles, e insensivelmente, mas certamente tais objetos fazem impressões mais profundas em seu coração. Eles têm a mesma influência fatal em todas as classes. Por mais atraentes que tais objetos variados possam ser, todas as buscas e prazeres do mundo são projetados e adaptados para promover a felicidade desta vida apenas por um momento: “Que aproveita ao

homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mc 8:36). O cristão é ensinado pelo Espírito, a desviar sua alma de tais objetos. Assim como uma criança vai prontamente soltar um objeto sujo quando algo mais agradável é oferecido a ela; o coração que está em comunhão com Deus dirá: “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo” (Fp 3:8).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando caminhamos para nos separar do mundo. “Não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus” (Tg 4:4). Um verso como este deve nos fazer tremer. Como posso confraternizar ou buscar meu prazer no mundo, que condenou o Filho de Deus? Se eu fizer isso, serei, com toda certeza, identificado como um inimigo de Deus. Oh, meu leitor, não se engane sobre este ponto. Está escrito: “Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele” (1 Jo 2:15).

Já nos foi dito, no Antigo Testamento, que o povo

de Deus “habita só e não será reputado entre as nações” (Nm 23:9). Certamente a disparidade de caráter e conduta, os desejos e atividades, que distinguem o regenerado do não regenerado deve separar um do outro. Nós que professamos ter nossa cidadania celestial, que professamos que somos guiados por outro Espírito, que somos dirigidos por outra regra, e que estamos viajando para outra pátria, não podemos andar de mãos dadas com aqueles que desprezam todas essas coisas! Oh, que exibamos o caráter cristão, que nos faz diferente dos mundanos. Que possamos realmente ser “homens de presságio” (Zc 3:8) não nos conformando “com este século” (Rm 12:2).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando temos ódio do mundo. Que dores são tomadas no mundo para salvar as aparências e manter um estado aparentemente bom! Suas convencionalidades e civilidades, suas cortesias e instituições de caridade são artifícios para dar um ar de respeitabilidade ao mundo maligno. Assim também suas igrejas, suas catedrais e seus sacerdotes, são necessários para encobrir a corrupção que se vê sob a superfície. E para dar mais uma credibilidade, o

“cristianismo” é adicionado, e o nome sagrado de Cristo é proclamado por milhares que nunca tomaram seu “jugo” sobre eles. Deles Deus diz: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mt 15:8).

E qual é a atitude de todos os cristãos reais em relação a isso? A resposta das Escrituras é simples: “foge também destes” (2 Tm 3:5), “retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor” (2 Co 6:17). E o que virá a seguir quando este comando divino for obedecido? “Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15:19).

Qual “mundo” está especificamente em vista aqui? O versículo anterior nos responde: “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim” (Jo 15:18). Que “mundo” odiava Cristo e o perseguiu até a morte? O mundo religioso, aqueles que fingiam ser os mais zelosos pela glória de Deus. Então preste atenção! Se um cristão virar as costas contra uma cristandade desonrosa, seus inimigos mais ferozes e mais implacáveis e inescrupulosos serão aqueles que afirmam ser cristãos também! Mas “bem-aventurados

sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus” (Mt 5:11,12). Ah, meu irmão, é um sinal saudável, uma marca certa que você está crescendo em conformidade com a Palavra, quando o mundo religioso te odeia. Mas se, por outro lado, você ainda carrega uma “posição de prestígio” nas “igrejas profanas” ou nas “assembleias indignas” há uma razão grave para temer que você ame o louvor dos homens mais do que o de Deus!

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos elevados acima do mundo. Primeiro, quando somos elevados acima de nossos costumes e modas. O mundano é um escravo dos hábitos e estilos predominantes da época. Não é assim com aquele que está caminhando com Deus, pois sua principal preocupação é estar “de acordo com a imagem de Seu Filho”. Em segundo lugar, quando somos elevados acima de nossos cuidados e tristezas. Já nos foi dito que os santos antigos, aceitaram com “alegria o espólio dos vossos bens”, sabendo que eles tinham um “patrimônio superior e durável” (Hb 10:34).

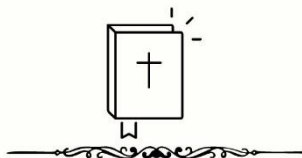
Terceiro, quando somos elevados acima de nossas tentações. Que atração tem o brilho do mundo para aqueles que estão se deleitando no Senhor? Nenhuma! Quarto, quando somos elevados acima de nossas opiniões e aprovações. Você aprendeu a ser independente e aprendeu a desafiar o mundo? Se todo o seu coração está direcionado em agradar a Deus, você estará muito despreocupado com as carrancas dos mundanos.

Agora, meu leitor, você realmente deseja medir-se pelo conteúdo deste capítulo? Eu lhe peço; busque respostas honestas para as seguintes perguntas. Primeiro, quais são os objetos diante de sua mente em tempos de recreação? Sobre o que seus pensamentos mais gastam tempo? Segundo; quais são os objetos de sua escolha? Quando você tem que decidir como passar uma noite ou uma tarde de sábado, o que você planeja? Terceiro, em qual ocasião você sente maior tristeza; na perda de coisas terrenas, ou na falta de comunhão com Deus? O que causa maior tristeza (ou desgosto); o estrago de seus planos, ou a frieza de seu coração em relação a Cristo?

Quarto, qual é o seu tópico favorito de conversação?

ENRIQUECENDO-SE COM A BÍBLIA

Você deseja conversar sobre as notícias do dia, ou se encontrar com aqueles que falam do completamente adorável Deus? Você está gastando mais ou menos tempo do que antes de joelhos? A Palavra de Deus é a coisa mais doce para seu paladar ou você perdeu seu gosto por ela?



8. *As Escrituras e as Promessas*

As promessas divinas tornam conhecido o bom prazer da vontade de Deus ao Seu povo para conceder-lhes as riquezas de Sua graça. Elas são os testemunhos exteriores de Seu coração, uma demonstração de que de toda a eternidade Ele ama Seu povo. Na pessoa e obra de Seu Filho, Deus fez uma provisão suficiente para a salvação completa do Seu povo, tanto para o tempo passado e presente quanto para a eternidade. Com a intenção de que eles possam ter um conhecimento verdadeiro, claro e espiritual do mesmo, agradou ao

Senhor colocar diante deles as grandes e preciosas promessas que estão espalhadas para cima e para baixo nas Escrituras como tantas estrelas no glorioso firmamento da graça; pelo qual eles podem ter certeza da vontade de Deus em Cristo Jesus, tomando-O como Salvador e Intermediador; e através deste Meio ter comunhão real com Ele em Sua graça e misericórdia o tempo todo, não importa quais sejam as circunstâncias.

As promessas divinas são tanto declarações para conceder algum bem ou remover algum doente. Como tais, as promessas manifestam do amor de Deus ao Seu povo. O propósito interno de Deus é cumprir o prometido. Ele não somente estipula o propósito aos beneficiários por meio de Seu amor, mas Ele também nos informa Seus meios benevolentes. Por isso, podemos docemente descansar em Seu amor, e esticarmos confortavelmente sobre Suas promessas. Lá somos capazes de dizer: “Que preciosos para mim, ó Deus, são os teus pensamentos! E como é grande a soma deles” (Sl 139:17).

Em 2 Pedro 1:4, as promessas divinas são faladas como sendo “preciosas e mui grandes”. Como Spurgeon apontou, “a grandeza e a preciosidade

raramente se unem, mas neste caso estão unidas em um grau superior”. Quando Jeová tem o prazer de abrir Sua boca e revelar Seu coração, Ele o faz de uma maneira digna de Si mesmo, em palavras de poder superlativo e de maneira preciosa. Para citar novamente o amado pastor londrino: “As promessas vêm de um grande Deus, elas vêm para grandes pecadores, elas trabalham para grandes resultados, e lidam com grandes assuntos. Enquanto o intelecto natural é capaz de perceber grande parte de sua grandeza, apenas o coração renovado pode provar sua preciosidade inefável, e dizer como Davi: ‘Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca’ (Sl 119:103)”.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando percebemos a quem as promessas pertencem. Elas estão disponíveis apenas para aqueles que estão em Cristo. “Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele [Cristo] o sim” (2 Co 1:20). Não pode haver uma relação íntima entre o Deus que é Santo, Santo, Santo e criaturas pecaminosas, exceto através do Mediador.

Portanto, o Mediador deve receber de Deus tudo de bom para o Seu povo, e eles devem tê-lo em segunda mão, através d'Ele. Um pecador poderia muito bem peticionar uma árvore a Deus enquanto ele despreza e rejeita Cristo. Mas tanto as promessas quanto as coisas prometidas são feitas e concedidas ao Senhor Jesus e transmitidas aos santos através d'Ele. “E esta é a promessa que ele mesmo nos fez, a vida eterna” (1 Jo 2:25), e como a mesma epístola nos diz: “Esta vida está no seu Filho” (1 Jo 5:11). Sendo assim, que bem pode ter aqueles que ainda não estão em Cristo? Nenhum! Um homem fora de Cristo está sob a ira de Deus, ele está sob as ameaças divinas e não sob as promessas. Consideração solene é que aqueles que estão “sem Cristo” são “separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2:12). Apenas os “filhos de Deus” são “os filhos da promessa” (Rm 9:8). Certifique-se, meu leitor, de que você é um deles.

Quão terrível, então, é a cegueira e quão grande é o pecado daqueles pregadores que aplicam indiscriminadamente as promessas divinas aos salvos e aos não salvos! Eles não estão apenas pegando “o pão das

crianças” e lançando-o para os “cães”, mas eles estão manipulando a palavra de Deus enganosamente (2 Co 4:2), e encantando as almas imortais. E aqueles que os escutam são pouco menos culpados, pois Deus nos diz que todos são responsáveis por procurar as Escrituras por si mesmos, e testar o que leem ou ouvem por meio desse padrão infalível. Se eles são preguiçosos demais para fazê-lo, e preferem cegamente seguir seus guias cegos, então seu sangue está em suas próprias cabeças. A verdade tem que ser “comprada” (Pv 23:23), e aqueles que não estão dispostos a pagar o preço devem continuar sem ela.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando trabalhamos para fazer as promessas de Deus, nossas. Para fazer isso, devemos primeiro ter o trabalho de nos familiarizarmos com elas. É surpreendente quantas promessas existem nas Escrituras que os santos não conhecem; ainda mais sabendo que elas são o tesouro peculiar dos crentes, pois a substância da herança da fé está nelas. É verdade que os cristãos já são os beneficiários de bênçãos maravilhosas, mas o centro de sua riqueza, a maior parte de suas propriedades, são as promessas.

Eles já receberam uma boa quantia, mas a maior parte do que Cristo comprou para eles ainda está nas promessas de Deus. Que diligente, então, eles deveriam estar estudando sua vontade testamentária, familiarizando-se com as coisas boas que o Espírito “revelou” (1 Co 2:10), e buscando fazer um inventário de seus tesouros espirituais!

Não só devo procurar nas Escrituras para descobrir o que foi feito para mim pela aliança eterna, mas também preciso meditar sobre as promessas, ruminá-las em minha mente, e clamar ao Senhor pela compreensão espiritual delas. A abelha não extrairia mel das flores, se ela ficasse somente olhando para elas. Nem o cristão pode derivar qualquer conforto real e força das promessas divinas até que sua fé se aposses e penetre no coração deles. Deus não deu nenhuma garantia de que o estômago deve ser alimentado, mas Ele declarou que: “A alma dos diligentes se farta” (Pv 13:4). Por isso, Cristo disse: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna” (Jo 6:27). É apenas quando temos as promessas armazenadas em nossas mentes que o Espírito traz conforto em momentos difíceis.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando reconhecemos o escopo abençoado das promessas de Deus. “Uma espécie de afetação impede alguns cristãos de buscar religião. Para eles a vida cristã é transcendental. Eles acreditam em Deus referente as coisas espirituais, mas eles esquecem totalmente que a divindade tem a promessa de vida, aqui e agora, bem como a vida que está por vir. Para eles, é quase profanação orar sobre as pequenas questões das quais a vida cotidiana é permeada. Talvez eles vão se assustar se eu arriscar a sugerir que tal visão deve fazê-los questionar a realidade de sua fé. Se Deus não puder ajudá-los nos pequenos problemas da vida, por acaso, pode Ele ajudá-los nos maiores julgamentos da morte?” (C. H. Spurgeon).

“A piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser” (1 Tm 4:8). Leitor, você realmente acredita nisso, que as promessas de Deus cobrem todos os aspectos e particulares de sua vida cotidiana? Ou os “Dispensacionistas” iludiram você a supor que o Antigo Testamento pertence apenas aos judeus, e que as “nossas promessas” são somente bênçãos espirituais e não

materiais? Oh, quantos cristãos sadios derivam do conforto da seguinte verdade: “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (Hb 13:5).

Talvez alguém pergunte: “Mas onde estou eu para desenhar a linha? Qual das promessas do Antigo Testamento por direito me pertence”? Respondemos que o Salmo 84:11 declara: “O SENHOR dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente”. Se você está realmente andando “eretamente” você tem o direito de se apropriar dessa promessa abençoada e crer que o Senhor lhe dará o que é bom. “Meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4:19). Se então houver uma promessa em qualquer lugar da Sua Palavra que se encaixe ao seu caso e situação atual, torne-a sua. Resista firmemente a todas as tentativas de Satanás de roubá-lo de qualquer parte da Palavra de Seu Pai.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando fazemos uma discriminação adequada entre as promessas de Deus. Muitos do povo do Senhor são frequentemente culpados de roubo espiritual. Por tal expressão queremos dizer que muitos se apropriam

para si mesmos algo a que eles não têm direito, mas que pertence a outro.

“Certas promessas da aliança, feitas com o Senhor Jesus Cristo, quanto aos seus eleitos e resgatados, são completamente sem condição; mas muitas outras palavras ricas do Senhor contêm estipulações que devem ser cuidadosamente consideradas. Tais estipulações devem ser cumpridas ou caso contrário, não receberemos as bênçãos. Uma parte da busca diligente do meu leitor deve ser direcionada para este ponto mais importante. Somente quando cumprimos os requisitos de uma promessa condicional podemos esperar que essa promessa seja cumprida para nós”
(C. H. Spurgeon).

Muitas das promessas divinas são dirigidas a personagens particulares, ou, mais corretamente falando, às graças particulares. Por exemplo, no Salmo 25:9, o Senhor declara que Ele “ensina aos mansos o seu caminho”; mas se eu estou fora da comunhão com Ele, se eu estou seguindo meu caminho próprio, se meu coração é arrogante, então eu não devo levar para mim

o conforto contido nesse verso. Novamente, em João 15:7, o Senhor nos diz: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito”. Mas se eu não estou em comunhão prática com Ele, se o Seus comandos não estão regulando minha conduta, então minhas orações permanecerão sem resposta. Enquanto as promessas de Deus prosseguem da graça pura, ainda assim é preciso lembrar que a graça reina “pela justiça” (Rm 5:21) e tal graça nunca deixa de lado a responsabilidade humana. Se eu ignorar as leis da saúde não me surpreenderei que a doença me impeça de desfrutar de muitas das misericórdias temporais de Deus. Da mesma forma, se eu negligenciar Seus preceitos, tenho que culpar a mim mesmo por não receber o cumprimento de muitas de Suas promessas.

Que ninguém suponha que, por Suas promessas, Deus se obrigou a ignorar os requisitos de Sua Santidade. Ele nunca exerce nenhuma de Suas perfeições às custas de outra. E que ninguém imagine que Deus estaria ampliando a obra sacrificial de Cristo se Ele concedesse seus frutos à almas que continuariam a ser impenitentes e descuidadas. Há um equilíbrio da

verdade a ser preservado aqui, que está cada vez sendo mais perdido, e que sob o pretexto de exaltar a graça divina, muitos estão realmente “transformando-a em lascívia”. Quantas vezes se ouve citado: “Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei” (Sl 50:15). Mas a cláusula anterior é “cumpre os teus votos para com o Altíssimo!” Essa é a promessa de Deus a quem confessou sua “transgressão” ao Senhor. Se, então, eu tenho pecado não confessado em minha consciência, e me apoiei em um braço de carne ou procurei ajuda dos meus companheiros, em vez de esperar apenas por Deus (Sl 62:5), então eu não tenho o direito de contar com o Senhor me guiando com Seu olho, pois tal realidade necessariamente pressupõe que estou caminhando em comunhão com Ele.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos habilitados a fazer promessas de Deus nosso apoio e fortaleza. Esta é uma razão pela qual Deus as deu a nós; não apenas para manifestar Seu amor, tornando conhecido Seu benevolente projeto, mas também para confortar nossos corações e desenvolver nossa fé. Se Deus quisesse, Ele poderia ter concedido suas bênçãos sem nos dar avisos de seus

propósitos. O Senhor pode ter nos dado todas as misericórdias que precisamos sem ter se comprometido a preanunciá-las. Mas, nesse caso, não poderíamos ter sido crentes; fé sem uma promessa seria como um pé sem chão. Nosso terno Pai planejou que gozaríamos de seus dons duas vezes: Primeiro pela fé, e depois por desfrute da realidade prometida sendo alcançada. Por isso significa que Ele sabiamente leva nossos corações para longe das coisas visíveis e os atrai para perto daquelas coisas que são espirituais e eternas.

Se não houvesse promessas não só não haveria fé, mas também não haveria nenhuma esperança. Pois o que é esperança, se não a expectativa das coisas que Deus declarou que nos daria? A fé olha para a Palavra promissora e a esperança olha para a cumprimento. Assim foi com Abraão; “Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações, segundo lhe fora dito: Assim será a tua descendência. E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus” (Rm 4:18,20). Assim foi

com Moisés: “Porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão” (Hb 11:26). Assim foi com Paulo; “Confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito” (At 27:25). É assim com você, caro leitor? São as promessas d’Aquele que não pode mentir o lugar de descanso do seu pobre coração?

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando aguardamos pacientemente o cumprimento das promessas de Deus. Deus prometeu a Abraão um filho, mas ele esperou muitos anos para que seu filho chegasse.

Muitas vezes há um longo e duro inverno entre o tempo de sementeira da oração e a colheita da resposta.

O próprio Senhor Jesus ainda não recebeu uma resposta completa à oração que fez no capítulo 17 de João, há 1900 anos. Muitas das melhores promessas de Deus ao Seu povo não receberão sua realização mais rica até que todos estejam na glória. Aquele que tem toda a eternidade à sua disposição não precisa se apressar. Deus muitas vezes nos faz esperar para que a

paciência possa ter “seu perfeito trabalho”. Entretanto, não devemos desconfiar d’Ele. “Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará” (Hab 2:3).

“Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra” (Hb 11:13). Aqui é compreendido todo o trabalho de fé: Conhecimento, confiança e adesão amorosa. O “longe” refere-se às coisas prometidas; aquelas que “viram” com a mente, discernindo a substância por trás da sombra, descobrindo nas promessas a sabedoria e a bondade de Deus. Eles “viram de longe”; eles não duvidaram, mas estavam certos de sua participação e sabiam que não seriam desapontados. “Saudando-as” expressa seu prazer e veneração, o coração se apegando a elas com amor e cordialmente acolhendo-as e entretendo-as. As promessas foram o conforto e a estadia de suas almas em todas as suas andanças, tentações e sofrimentos.

Vários fins são alcançados por Deus em atrasar sua execução das promessas. Não só a fé é colocada à prova,

de modo que sua autenticidade pode ser vista mais claramente; não só a paciência se desenvolve, e é concedida à esperança a oportunidade de exercício; mas a submissão à vontade divina é fomentada. “O processo de desmame é realizado, pois ainda estamos ansiando para o suprimento momentâneo. Abraão fez um grande banquete quando seu filho Isaac foi desmamado. Da mesma forma, nosso Pai celestial fará o mesmo conosco. Deite-se, coração orgulhoso. Largue teus ídolos; abandone suas afeições afetuosas; e a paz prometida virá até você” (C.H. Spurgeon).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando fazemos o uso certo das promessas. Primeiro, em nossa relação com o próprio Deus. Quando nos aproximamos de Seu trono, deve ser para pleitear uma de Suas promessas.

Elas são para formar não apenas a base para a nossa fé descansar, mas também a substância de nossas solicitações.

Devemos perguntar de acordo com a vontade de Deus se devemos ser ouvidos, e Sua vontade é revelada nessas coisas boas que Ele declarou que vai nos

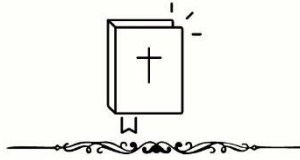
conceder. Assim, devemos manter suas garantias prometidas, apresentá-las diante d'Ele, e dizer: "Confirma-a para sempre e faze como falaste" (2 Sm 7:25). Observe como Jacó apresentou a promessa em Gênesis 32:12; Moisés em Êxodo 32:13; Davi no Salmo 119:58; Salomão em 1 Reis 8:25; e você, meu leitor cristão, deve fazer o mesmo.

Segundo, na vida que vivemos no mundo. Em Hebreus 11:13, não só lemos sobre os patriarcas discernindo, confiando e abraçando as promessas divinas, mas também somos informados dos efeitos que elas produziram sobre eles: "E confessou que eles eram estranhos e peregrinos na terra"; o que significa que eles fizeram uma confissão pública de sua fé. Eles reconheceram (e por sua conduta demonstraram) que seus interesses não estavam nas coisas deste mundo; eles tinham o foco nas promessas que tinham se apropriado. Seus corações foram colocados nas coisas celestiais. Onde o coração de um homem está, lá estará seu tesouro também.

"Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no

temor de Deus” (2 Co 7:1). Esse é o efeito que tais promessas devem produzir em nós. “Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo” (2 Pe 1:4).

Agora o Evangelho e as preciosas promessas, sendo graciosamente concedidas e poderosamente aplicadas, têm uma influência na pureza do coração e do comportamento, e ensinam os homens a negarem impiedade e a luxuria mundana, e viver de maneira sóbria, justa e piedosa. Tais são os efeitos poderosos das promessas. Elas fazem com que os homens sejam interiormente participantes da natureza divina e externamente se abstenham e evitem as corrupção e vícios predominantes deste mundo presente.



9. *As Escrituras e a Alegria*

Os ímpios estão sempre buscando alegria, mas eles não a encontram. Eles ficam ocupados e cansados na busca dela, mas tudo em vão. Seus corações, são avessos ao Senhor; eles olham para baixo em busca de alegria, onde podem achar. Rejeitando a substância, eles diligentemente correm atrás da sombra, apenas para ser ridicularizado por ela. É o decreto soberano do céu que nada pode fazer pecadores verdadeiramente felizes, a não ser Deus em Cristo. Mas em tal verdade, eles não acreditarão, e, portanto, eles vão de criatura para

criatura, de uma cisterna quebrada para outra, perguntando onde podem encontrar a melhor fonte de alegria. Cada coisa mundana os atrai, mas logo decepciona. No entanto, eles passam a procurar novamente na mesma coisa que os decepcionou. Se depois de muitas tentativas eles descobrirem o vazio daquelas coisas, então eles partem para outra, apenas para constatar a verdade nas palavras de nosso Senhor: “Quem beber desta água tornará a ter sede” (Jo 4:13).

Indo agora para o outro extremo: Há alguns cristãos que supõem que é pecado se alegrar. Sem dúvida, muitos de nossos leitores ficarão surpresos ao ouvir isso. Que tais irmãos sejam gratos por terem sido criados em ambientes mais equilibrados. Eu lhes peço que suportem conosco enquanto trabalhamos com aqueles menos favorecidos. Alguns foram ensinados, em grande parte por implicação e exemplo, em vez de pôr pura inculcação, que é seu dever ser sombrio. Eles imaginam que sentimentos de alegria são produzidos pelo Diabo aparecendo como um anjo de luz. Eles concluem que é uma espécie de maldade ser feliz em um mundo de pecado. Eles acham que é presunçoso alegrar-se com o conhecimento de pecados sendo perdoados, e se eles

veem os jovens cristãos fazendo isso eles dizem-lhes que não vai demorar muito para que eles estejam se afundando no mar do desapontamento. A tudo isso, insistamos carinhosamente na reflexão que será apresentada no restante deste capítulo.

“Regozijai-vos sempre” (1 Ts 5:16). Certamente não pode ser errado fazer o que Deus ordenou. O Senhor não colocou nenhuma restrição no regozijar. Não! Pelo contrário, é Satanás que se esforça para nos fazer pendurar nossas harpas. Não há preceito nas Escrituras nos dizendo: “Luto no Senhor sempre, e novamente eu digo, Luto”; mas há uma exortação que nos diz: “Exultai, ó justos, no Senhor! Aos retos fica bem louvá-lo” (Sl 33:1). Leitor, se você é um cristão de verdade, então Cristo é seu e tudo o que está n’Ele é seu. Ele diz: “Comei e bebei, amigos; bebei fartamente, ó amados” (Ct 5:1). O único pecado que você pode cometer contra seu banquete de amor é se privar do amor d’Ele. “Comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares” (Is 55:2) é falado não para aqueles que já estão no céu, mas para os santos que ainda estão na terra. Isso nos leva a dizer que:

Estamos crescendo em nosso conhecimento da

Palavra quando percebemos que a alegria é um dever. “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Fp 4:4). O Espírito Santo aqui fala de regozijar-se como um dever pessoal, presente e permanente, que o povo de Deus deve realizar. O Senhor não deixou esse assunto em aberto, se devemos estar felizes ou tristes, mas Ele fez da felicidade uma obrigação.

Não se alegrar é um pecado de omissão.

Da próxima vez que você se encontrar com um cristão radiante, não o repreenda, mas repreenda você; em vez de estar pronto para colocar em questão a primavera divina de sua alegria, analise seu próprio estado triste. Não é uma alegria que vem pelas fontes carnis que estamos aqui insistindo. É inútil buscar alegria em riquezas terrenas, pois muitas vezes elas tomam para si asas e voam para longe. Alguns buscam sua alegria no círculo familiar, mas essa alegria, permanece por apenas alguns anos, no máximo.

Não; se quisermos alegrar-nos cada vez mais, nossa alegria deve estar em um objeto que dure para sempre. Também não é uma alegria fanática a que temos em mente. Há alguns com uma natureza excitável que são

felizes apenas quando estão fora de suas mentes; mas terrível é a reação. Não! Nós estamos falando sobre um prazer inteligente, firme e amoroso no próprio Deus. Cada atributo de Deus, quando contemplado por fé, faz com que o coração cante. Toda doutrina do Evangelho, quando verdadeiramente apreendida, produzirá alegria e louvor.

A alegria é um dever cristão. Talvez o leitor esteja pronto para falar: “Minhas emoções de alegria e tristeza não estão sob o meu controle; não posso deixar de ficar feliz ou triste com as circunstâncias”. Mas repetimos, “Alegrai-vos sempre no Senhor” é um comando divino, e em grande parte a obediência a ele está em nós mesmo. Sou responsável por controlar minhas emoções. É verdade que não posso deixar de ser triste na presença de pensamentos tristes, mas posso me recusar a deixar minha mente habitar sobre eles. Eu posso derramar meu coração sobre o Senhor, e lançar o meu fardo sobre Ele. Posso buscar graça para meditar sobre Sua Bondade, Suas Promessas, o glorioso futuro que me espera. Eu tenho que decidir se eu vou ficar na luz ou me esconder entre as sombras. Não alegrar-se no Senhor é mais do que um infortúnio, é uma falha que

precisa ser confessada e abandonada.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando aprendemos o segredo da verdadeira alegria. Esse segredo é revelado em 1 João 1:3,4: “Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa”. Quando consideramos a pequenez de nossa comunhão com Deus, a superficialidade dela, não é de se espantar que tantos cristãos estejam tristes. A felicidade para ser mantida deve haver uma ocupação contínua do coração e da mente em Cristo.

É só onde há muita fé e amor que há muita alegria.

“Alegrai-vos sempre no Senhor”. Não há outro objeto em que possamos nos alegrar “sempre”. Todo o resto varia e é inconstante. O que nos agrada hoje pode nos ser tirado amanhã. Mas o Senhor é sempre o mesmo. Ele pode ser apreciado em estações de adversidade tanto quanto em estações de prosperidade. Como um auxílio para isso, o próximo verso diz: “Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor” (Fp 4:5). Seja temperado em relação a

todas as coisas externas; não seja levado por elas quando elas parecem mais agradáveis, nem perturbado quando parecem mais desagradáveis. Não se exalte quando o mundo sorrir para você, nem abatido quando ele fechar a cara. Mantenha uma constante indiferença aos confortos externos. Por que estar tão ocupado com eles quando o próprio Senhor “está à mão”? Se a perseguição for violenta, se as perdas temporais forem pesadas, o Senhor ainda assim é “uma ajuda muito presente em problemas” (Sl 46:1); pronto para apoiar e ajudar aqueles que se lançam sobre Ele. Ele vai cuidar de você, por isso, não “andeis ansiosos” por nada (Fp 4:6).

“Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (Jo 15:11). Essas preciosas palavras de Cristo, ponderadas pela mente e estimadas no coração, não podem deixar de produzir alegria. Um coração regozijado vem de um conhecimento crescente e amor pela verdade em Jesus. “Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração” (Jr 15:16). Sim, é alimentando e festejando sobre as palavras do Senhor que a alma é saciada, e que nós somos feitos para cantar e fazer melodia em nossos corações para Ele.

“Então, irei ao altar de Deus, de Deus, que é a minha grande alegria” (Sl 43:4). Como bem disse *Spurgeon*: “Com que exultação os crentes devem se aproximar de Cristo, que é o Rei no altar! A luz mais clara deve dar maior intensidade de desejo. Não era o altar em si que o Salmista teve cuidado, pois ele não acreditava no ritualismo pagão; sua alma desejava comunhão espiritual, comunhão com o próprio Deus do altar. O que são todos os ritos de adoração, a menos que o Senhor esteja neles; o que, de fato são, se não conchas vazias e cascas secas? Note o êxtase sagrado com o qual Davi aprecia seu Senhor! Ele não se alegra em Seu altar, mas se alegra em Cristo, pois Ele não é somente uma fonte de alegria, o doador de alegria, ou o mantenedor da alegria, mas Ele próprio é alegria do crente. Ele é a alegria da minha alegria; ou seja, a alma, a essência, as entranhas da minha alegria”.

“Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação” (Hab 3:17,18). Isso é algo do qual o mundo não sabe nada;

e infelizmente, é uma verdade para a qual muitos cristãos professos também não conhecem! É em Deus que a fonte da alegria espiritual e eterna se origina; d'Ele tudo flui. Isso foi reconhecido pelo salmista, quando ele disse: “Todas as minhas fontes são em ti” (Sl 87:7). Feliz a alma que foi realmente ensinada este segredo!

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados sobre o grande valor da alegria. A alegria é para a alma o que as asas são para o pássaro, pois permiti-nos voar acima das coisas terrenas. Isto é evidenciado, claramente, em Neemias 8:10: “A alegria do Senhor é sua força.” Os dias de Neemias marcaram um ponto de virada na história de Israel. Um remanescente foi libertado da Babilônia e retornou à Palestina. A Lei, há muito ignorada pelos cativos, agora era para ser estabelecida novamente como a regra da comunidade recém-formada. Havia uma lembrança dos muitos pecados do passado, e lágrimas não se misturavam com a gratidão de que eles eram novamente uma nação, tendo uma adoração divina e uma Lei Divina em seu meio. Seu líder, sabendo muito bem que se o espírito do povo começasse a sinalizar que eles não poderiam enfrentar

e conquistar as dificuldades de sua posição, lhes disse: “Este dia é santo ao Senhor, (esta festa que estamos mantendo é um dia de adoração devota; portanto, não chore), nem esteja arrependido, pois a alegria do Senhor é sua força”.

A confissão do pecado e do luto sobre o mesmo têm seu lugar, e a comunhão com Deus não pode ser mantida sem essa confissão e luto. Todavia, quando o verdadeiro arrependimento for exercido, e as coisas se acertarem com Deus, devemos esquecer “das coisas que para trás ficam” e avançar para as que diante de nós estão (Fp 3:13). E só podemos avançar confiantes, pois nossos corações se tornaram alegres. Quão pesado os passos daquele que se aproxima do lugar onde um ente querido está morto! Mas lembre-se o quão forte e cheio de energia os movimentos de Cristo serão ao buscar Sua noiva! Onde há desespero não há mais poder para obediência. Se não houver alegria, não pode haver adoração.

Meus caros leitores, há tarefas que precisam ser executadas, serviços a outros que precisam ser prestados, tentações a serem superadas, batalhas a serem travadas; e estamos apenas experimentalmente

equipados para eles quando nossos corações são alegres no Senhor. Se nossas almas estão descansando em Cristo, se nossos corações estão cheios de uma alegria tranquila, o trabalho será fácil, deveres agradáveis e tristezas serão suportáveis. Nem a lembrança contrita de fracassos passados e nem resoluções veementes nos levarão adiante. Se o braço é para ferir com vigor, ele deve tirar as forças de um coração leve e alegre. Do próprio Salvador, está registrado: “O qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (Hb 12:2).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando atentamos à raiz da alegria. A fonte da alegria é a fé. Por isso, nos é dito que o “Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer” (Rm 15:13). Há uma disposição maravilhosa no Evangelho, tanto pelo que é preciso como pelo que ele nos traz, para dar um brilho calmo ao coração do cristão. A alegria tira a carga de culpa comunicando paz para a consciência atingida. Ela remove o temor descontrolado de Deus e o terror da morte. Ela nos dá o próprio Deus como a porção de nossos corações, como objeto de nossa comunhão. O Evangelho gera alegria,

porque a alma aprende a ficar em repouso em Deus. Mas essas bênçãos se tornam nossas apenas por apropriação pessoal. A fé deve recebê-las, e quando faz isso, o coração fica cheio de paz e alegria. E o segredo da alegria permanente é manter o canal aberto, continuar como começamos. É a incredulidade que entope o canal. Se houver pouco calor em torno da lâmpada do termômetro, não é de se admirar que o mercúrio marque um grau muito baixo.

Se há uma fé fraca, a alegria não pode ser forte.

Diariamente precisamos orar por uma nova apreensão da preciosidade do Evangelho, uma nova apropriação de seu conteúdo abençoado, para só então, haver uma renovação de nossa alegria.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando temos o cuidado de manter nossa alegria. A alegria no Espírito Santo é completamente diferente de uma flutuação natural do Espírito. É o produto do Consolador habitando em nossos corações e corpos, revelando Cristo para nós, respondendo toda a nossa necessidade de perdão e limpeza, que nos coloca em paz com Deus; que forma Cristo em nós, para que

Ele reine em nossas almas, subjugando-nos ao Seu controle. Não há circunstâncias de julgamento e tentação em que possamos nos abster da ordenança de: “Alegrai-vos sempre no Senhor”. Aquele que deu este comando sabe tudo sobre o lado negro de nossas vidas, os pecados e tristezas que nos assolam, a muita tribulação através da qual devemos entrar no reino de Deus. A alegria mundana logo naufragará. Em breve, os mundanos não poderão suportar à perda de amigos ou saúde. Mas a alegria a que somos exortados não se limita a qualquer conjunto de circunstâncias ou tipo de temperamento, nem flutua com nossos variados humores.

As circunstâncias podem até gerar tristezas momentâneas, pois até Jesus chorou no túmulo de Lázaro. No entanto, os crentes podem exclamar com Paulo: “Entristecidos, mas sempre alegres” (2 Co 6:10). O cristão pode estar carregado de pesadas responsabilidades, sua vida pode ter uma série de infortúnios, seus planos podem ser frustrados e suas esperanças arruinadas, o túmulo pode fechar sobre os entes queridos que deram em sua vida terrena sua alegria e doçura, e ainda assim, sob todas as suas

decepções e tristezas, seu Senhor ainda os comanda: “Alegrai-vos”. Eis o apóstolo Paulo com Silas na prisão de Filipos, no calabouço mais íntimo, com as costas sangrando e recebendo terríveis flagelos. Como eles estavam? Resmungando e rosnando? Se perguntando o que tinham feito para merecer tal tratamento? Não! “Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus” (At 16:25). Não havia pecado em suas vidas, eles estavam andando obedientemente. Mesmo em face dessa “injustiça”, o Espírito Santo preencheu o coração deles, de modo que eles estavam cheios de alegria e louvores. Se quisermos manter nossa alegria, devemos permanecer contentes no Espírito Santo.

Quando Cristo é supremo no coração, a alegria o preenche. Quando Ele é Senhor de cada desejo, a Fonte de cada motivação, o Subjugador de cada luxúria, então a alegria encherá o coração e louvor brotará dos lábios. A posse de tal Fonte, também envolve pegar a cruz a cada hora do dia. Deus ordenou que não podemos ter alegria sem que carreguemos nossa cruz. Auto sacrifício, o corte de uma mão direita, a arrancada de um olho direito, são as avenidas através das quais o Espírito entra na alma, trazendo com Ele as alegrias de Deus,

demonstrando o sorriso e a garantia de Seu amor e presença permanente.

Muito depende também da mentalidade em que ingressamos no mundo todos os dias. Se nós esperarmos que as pessoas nos mimem, a decepção será certa. Se desejamos que nosso orgulho seja acariciado, somos abatidos quando não é. O segredo da felicidade é esquecer de si mesmo e procurar ministrar a felicidade dos outros. “É mais abençoado dar do que receber”, por isso é melhor abençoar os outros do que ser abençoado.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos seduzidos a não evitar os obstáculos contrários a alegria. Por que tantos cristãos têm tão pouca alegria? Não nascem todos os filhos da luz e do dia? Este termo “luz”, que é tão frequentemente usado nas Escrituras para descrever a natureza de Deus, nossas relações com Ele e nosso destino futuro, remete à alegria. Que outra coisa na natureza é tão benéfica e bonita quanto a luz? “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1:5). É só enquanto caminhamos com

Deus, na luz, que o coração pode realmente ser alegre. É a indulgência da carne, a confraternização com o mundo, a entrada de caminhos proibidos que afligem nossas vidas espirituais e nos fazem perder nossa alegria. Davi teve que gritar: “Restitui-me a alegria da tua salvação” (Sl 51:12). Ele tinha se tornado um homem frouxo e autoindulgente. A tentação se apresentou e ele não tinha poder para resistir. Ele cedeu, e um pecado levou a outro. O pecado não confessado estava pesando sua consciência.

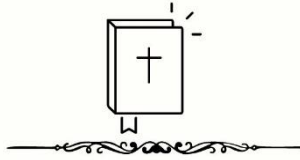
Oh meus irmãos e irmãs, se quisermos ser mantidos em pé, se não quisermos perder nossa alegria, então o eu deve ser negado e os afetos e luxúrias da carne, crucificados. Devemos estar atentos contra a tentação. Devemos passar muito tempo de joelhos. Devemos beber frequentemente da Fonte das águas vivas. Devemos nos dedicar ao Senhor.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando preservamos diligentemente o equilíbrio entre tristeza e alegria. Se a fé cristã tem uma adaptação marcante para produzir alegria, ela tem uma adaptação quase igual para produzir tristeza; uma tristeza solene, viril e nobre. “Entristecidos, mas sempre

alegres” (2 Co 6:10) é a regra da vida do cristão. Se a fé lança sua luz sobre nossa condição, nossa natureza, nossos pecados, a tristeza deve ser um dos efeitos. Não há nada mais desprezível em si mesmo, e não há marca mais segura de um caráter superficial, do que alegria sem sombra. Sombra, porque eu sei o que sou e o que deveria ser; sombra, porque eu olho para o mundo e vejo o fogo do inferno queimando nas costas da alegria e do riso, e sei do que é que os homens estão correndo.

Aquele que foi ungido com o óleo de alegria acima de Seus companheiros (Sl 45:7) também era o homem das tristezas e familiarizado com o luto. Ambas as realidades são (em certa medida) repetidas nos corações de cada um que recebe o Evangelho. E se, por um lado, pelos medos que o Evangelho remove de nós e pelas esperanças que ele respira em nós, e pela comunhão em que nos introduz, somos ungidos com o óleo da alegria; por outro lado, pelo sentido de nossa própria vileza, pelo conflito entre a carne e o Espírito, há infundido uma tristeza. Tal tristeza proclama: “Desventurado homem que sou!” (Rm 7:24). Estes dois não são contraditórios, mas complementares. O Cordeiro deve ser comido com “ervas amargas” (Ex 12:8).

LEGADO REFORMADO



10. As Escrituras e o Amor

Em capítulos anteriores, procuramos apontar algumas das maneiras pelas quais podemos verificar se nossa leitura e busca das Escrituras estão realmente sendo abençoadoras às nossas almas. Muitos são enganados sobre este assunto, confundindo uma ânsia de adquirir conhecimento com um amor espiritual da Verdade (2 Ts 2:10), e assumindo que a adição de aprendizado é a mesma coisa que o crescimento da graça. Muito depende do fim ou do objetivo que temos diante de nós quando nos voltamos para a Palavra de

Deus. Se for simplesmente para familiarizar-nos com seu conteúdo e tornar-se mais versado em seus detalhes, é provável que o jardim de nossas almas permaneça estéril; mas se chegamos com o desejo de ser repreendido e corrigido pela Palavra, de ser vasculhado pelo Espírito, para conformar nossos corações com seus requisitos sagrados, então certamente podemos esperar por bênção divina.

Nos capítulos anteriores, nos esforçamos para destacar as coisas vitais pelas quais podemos descobrir se estamos progredindo em nossa vida espiritual. Vários critérios foram dados para que o escritor e os leitores possam averiguar a realidade de seus corações. Nós pressionamos testes como: “Estou adquirindo um maior ódio ao pecado, e uma libertação prática de seu poder e poluição? Estou obtendo um conhecimento mais profundo de Deus e de Seu Cristo? Minha vida de oração tem se tornado mais saudável? São minhas boas obras mais abundantes? Minha obediência é mais completa e mais alegre? Estou mais separado do mundo em minhas afeições e maneiras? Estou aprendendo a fazer um uso certo das promessas de Deus, e me deliciando tanto com Ele que Sua alegria é a minha

força diária?”

A menos que eu possa dizer sinceramente que estas são (em alguma medida) a minha experiência, então é muito temido que meu estudo das Escrituras está realmente sendo de grande proveito para mim.

Não parece apropriado que esses capítulos sejam concluídos até que consideremos o assunto principal, o amor cristão. A extensão em que essa graça espiritual está, ou não, sendo cultivada e regulamentada proporciona outro índice para sabermos se estamos ou não sendo beneficiados pelos nossos estudos da Palavra. Ninguém pode ler as Escrituras com qualquer medida de atenção sem descobrir o quanto elas têm a dizer sobre o amor, e, por isso, eu imploro, a cada um de nós, que verifiquemos com oração e cuidado se o seu amor é realmente espiritual e se está em estado saudável perante Deus.

O tema do amor cristão é muito abrangente para considerar todas as suas variadas facetas dentro da bússola de um único capítulo. Adequadamente deveríamos começar contemplando o exercício do nosso amor por Deus e por Cristo; mas como isso foi pelo menos tocado nos capítulos anteriores, não

falaremos sobre tal t3pico. Muito tamb3m, pode-se dizer sobre o amor natural que devemos aos nossos companheiros, que pertencem 3 a mesma fam3lia que n3s; mas h3 menos necessidade de escrever sobre esse tema do que sobre o que est3 agora diante de nossa mente. Aqui propomos limitar nossa at3n3o ao amor espiritual aos irm3os, aos irm3os de Cristo.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando percebemos a grande import3ncia do amor crist3o. Em nenhum lugar isso 3 trazido mais enfaticamente do que em 1 Cor3ntios cap3tulo 13. L3 o Esp3rito Santo nos diz que, embora um crist3o professo possa falar fluentemente e eloquentemente sobre as coisas divinas, se n3o tem amor, ele 3 como o metal, que, embora fa3a um barulho quando atingido, 3 sem vida. Que embora ele possa profetizar, entender todos os mist3rios e conhecimentos, e ter f3 para operar milagres, no entanto, se ele estiver carente de amor, ele estar3 espiritualmente morto. Sim, que embora ele seja t3o benevolente a tal ponto de ser dado todas as suas posses mundanas para alimentar os pobres, e entregar seu corpo 3 morte para salvar outros, mas se ele n3o tiver amor, tudo 3 em v3o. Qu3o alto 3 um valor aqui

colocado sobre o amor, e quão essencial é para mim ter certeza de que eu o possuo!

Disse nosso Senhor: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13:35). Ao fazer de Cristo o distintivo do discipulado cristão, vemos novamente a grande importância do amor. É um teste essencial da autenticidade de nossa profissão: Não podemos amar Cristo a menos que amemos Seus irmãos, pois todos eles estão atados no mesmo “feixe” (1 Sm 25:29) com Ele. Amar àqueles a quem Ele redimiou é uma evidência certa de amor espiritual e sobrenatural pelo Senhor Jesus. Onde o Espírito Santo fez um nascimento sobrenatural, Ele produzirá nos corações, uma conduta sobrenatural, um amor por todos que são de Cristo, pelo amor de Deus.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando aprendemos a detectar as tristes perversões do amor cristão. Como a água não pode subir acima de seu próprio nível, da mesma forma, o homem natural é incapaz de entender e apreciar o que é espiritual (1 Co 2:14). Portanto, não devemos nos surpreender quando professos não regenerados confundem sentimentalismo humano e gentilezas

carnais com amor espiritual. Mas é triste ver algumas pessoas de Deus confundindo amabilidade humana e afabilidade com o amor, o rei das graças cristãs. Embora seja verdade que o amor espiritual é caracterizado pela mansidão e gentileza, ainda assim é algo muito diferente e muito superior às cortesias e bondades da carne.

Quantos pais esconderam a vara de seus filhos, sob a noção equivocada de que a verdadeira afeição por eles e o castigo eram coisas incompatíveis! Uma das experiências mais difíceis do escritor, em suas extensas viagens, foi passar uma temporada em casas onde as crianças foram completamente mimadas. É uma perversão da palavra “amor” aplicá-la à frouxidão moral e à frouxidão dos pais. Mas essa mesma ideia perniciosa rege a mente de muitas pessoas em outras relações. Se um servo de Deus repreende seus modos mundanos, se ele pressiona as afirmações intransigentes de Deus, ele é imediatamente acusado de ser “odioso”. Oh, multidões são enganadas por Satanás sobre este assunto importante!

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados sobre a verdadeira

natureza do amor cristão. O amor cristão é uma graça espiritual que permanece nas almas dos santos ao lado da fé e da esperança (1 Co 13:13). É uma disposição sagrada forjada neles quando eles são regenerados (1 Jo 5:1). É nada menos do que o amor de Deus derramado em seus corações pelo Espírito Santo (Rm 5:5). É um princípio justo que busca o bem mais alto dos outros. O inverso desse princípio, o amor próprio, é que está em nós por natureza. Não é apenas uma consideração afetuosa de todos que carregam a imagem de Cristo, mas também um poderoso desejo de promover seu bem-estar. Não é um sentimento inconstante que é facilmente ofendido, mas é uma dinâmica permanente que muitas águas de indiferença ou inundações de desaprovação não podem apagar nem afogar (Ct 8:7). “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13:1).

Não há uma maneira mais segura de obter uma concepção certa da natureza do amor cristão do que fazer um estudo minucioso de sua perfeita exemplificação, demonstrada pelo nosso Senhor Jesus. Quando dizemos um “estudo minucioso”, queremos dizer uma analisada abrangente de tudo o que é

registrado d'Ele nos quatro Evangelhos.

Quando isso é feito, descobrimos que Seu amor não era apenas benevolente e magnânimo, atencioso e gentil, altruísta e auto sacrificante, paciente e imutável, mas que muitos outros elementos também estavam fluindo de tal amor. O Amor negou um pedido urgente (Jo 11:6), repreendeu Sua mãe (Jo 2:4), usou um chicote (Jo 2:15), severamente confrontou Seus discípulos duvidosos (Lc 24:25), e denunciou os hipócritas (Mt 23:13-33). O Amor ficou irado (Mt 16:23); sim, irado (Mc 3:5). O amor espiritual é uma coisa sagrada, pois é fiel a Deus e intransigente para com tudo o que é o mal.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando descobrimos que o amor cristão é uma comunicação divina. “Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 Jo 3:14). “O amor aos irmãos é o fruto e o efeito de um novo e sobrenatural nascimento, concedido pelo Espírito Santo, como a abençoada evidência de termos sido escolhidos em Cristo pelo Pai Divino, antes da criação do mundo. Amar a Cristo e aos nossos irmãos, é agradável à nova natureza pela qual Ele nos fez participantes do Seu Espírito Santo. Este amor dos

irmãos deve ser um amor peculiar, como nenhum outro. Os regenerados são os únicos que podem exercer tal amor. Por isso, que ele nos disse: ‘Aquele que não ama seu irmão permanece na morte’” (S. E. Pierce).

O amor pelos irmãos é muito, muito mais do que achar a companhia agradável daqueles cujos temperamentos são semelhantes ou cujas opiniões estão de acordo com as minhas. Não diz respeito à mera natureza, mas é uma coisa espiritual e sobrenatural. O amor é o que atrai o coração para aqueles em quem eu percebo algo de Cristo. Portanto, é muito mais do que um espírito partidário; ele abraça tudo em que possa ser visto a imagem do Filho de Deus. E, portanto, tal amor é pelo que vejo de Cristo neles. É o Espírito Santo dentro, me atraindo e me seduzindo pelo fato de Cristo está habitando em meus irmãos e irmãs. Assim, o verdadeiro amor cristão não é apenas um dom divino, mas é completamente dependente de Deus para seu sustento. Precisamos orar diariamente para que o Espírito Santo traga em ação e manifestação, tanto para Deus como para o Seu povo, esse amor que Ele derramou em nossos corações.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da

Palavra quando exercemos o amor cristão. Isso é feito, não procurando agradar nossos irmãos, mas quando realmente buscamos o bem deles de maneira santa. “Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos” (1 Jo 5:2). Qual é o verdadeiro teste do meu amor pessoal ao próprio Deus? É a obediência de Seus mandamentos (ver João 14:15,21,24; 15:10,14). A autenticidade e força do meu amor a Deus não devem ser medidos por minhas palavras, nem pela pomposidade com a qual eu canto meus louvores, mas pela minha obediência à Sua Palavra. O mesmo princípio deve ser usado em minhas relações com meus irmãos.

“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos”. Se estou resplandecendo sobre os defeitos dos meus irmãos e irmãs, se estou andando com eles em um curso de auto vontade e auto gratificação, então eu não estou “amando” eles. “Não aborrecerás teu irmão no teu íntimo; mas repreenderás o teu próximo e, por causa dele, não levarás sobre ti pecado” (Lv 19:17). O amor deve ser exercido de uma

forma divina, e nunca às custas da minha falha em amar a Deus; na verdade, é só quando Deus tem Seu lugar próprio em meu coração que o amor espiritual pode ser exercido por mim em direção aos meus irmãos. O verdadeiro amor espiritual não consiste em fazer eles felizes, mas em agradar a Deus e ajudá-los; e eu só posso ajudá-los quando estou andando no caminho dos mandamentos de Deus.

Acariciar e mimar uns aos outros não é amor fraternal. Entretanto, exortar uns aos outros para seguir na corrida que está diante de nós, e falando palavras (impostas pelo exemplo de nossa caminhada diária) que os encorajarão a “olhar para Jesus”, é amar.

O amor fraternal é uma coisa sagrada, e não um sentimento carnal ou uma indiferença frouxa quanto ao caminho que estamos trilhando. Os “mandamentos” de Deus são expressões do Seu amor, bem como de Sua autoridade, e ignorá-los, não é “amor”. O exercício do amor é estar em estrita conformidade com a vontade revelada de Deus. Devemos amar “na verdade” (3 Jo 1).

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando aprendemos as variadas manifestações do amor cristão. Amar nossos irmãos e manifestar o amor de todas as formas é nosso dever. Mas em nenhum momento podemos fazer isso mais verdadeiramente e efetivamente, e com menos ostentação, do que quando estamos em plena comunhão com Cristo, no seu trono da graça. Há irmãos e irmãs em Cristo nos quatro cantos da terra, sobre os detalhes de cujos julgamentos e conflitos, tentações e tristezas, eu não sei nada; mas eu posso expressar meu amor por eles, e derramar meu coração diante de Deus em seu nome, por súplica e intercessão.

“Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (1 Jo 3:17,18). Muitos do povo de Deus são muito pobres, financeiramente falando. Às vezes eles se perguntam o porquê a realidade deles é tal. Uma razão pela qual o Senhor permite isso é para que outros possam ter compaixão deles e possam ajudar eles por causa da abundância com que Deus lhes forneceu.

O amor real é intensamente prático: Não considera nenhum serviço ruim e nenhuma tarefa irrelevante. Quando o Senhor do amor estava aqui sobre a terra, Ele pensava sobre a fome corporal da multidão e sobre o conforto de Seus discípulos.

Mas há alguns do povo do Senhor tão pobres que eles têm muito pouco para compartilhar com outros. O que, então, eles podem fazer? Eles podem fazer as preocupações espirituais de todos os santos, as suas. Eles podem interceder perante o trono da graça! Sabemos por nossos próprios casos quão difíceis são algumas circunstâncias. Sabemos por experiência triste como é fácil dar lugar a um espírito de descontentamento e murmuração. Mas também sabemos como, quando choramos ao Senhor por Sua mão silenciosa para ser colocada sobre nós, e quando Ele traz alguma promessa preciosa à nossa lembrança, que paz e conforto inundam o nosso coração. Então vamos implorar a Ele para ser igualmente gracioso com todos os seus santos angustiados. Busquemos fazer seus fardos serem os nossos fardos. Chore com aqueles que choram, bem como alegre-se com aqueles que se alegram. Dessa forma, expressaremos o verdadeiro amor.

É assim que o Senhor Jesus continua manifestando Seu amor aos Seus santos, pois Ele está “vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25). Ele conhece as necessidades deles e se importa com cada uma delas. Ele está intercedendo perante o Pai em seu nome. Ninguém é esquecido por Ele. Todas as ovelhas solitárias são levadas ao coração do Bom Pastor.

Da mesma forma, expressando nosso amor aos irmãos em orações diárias para o fornecimento de suas variadas necessidades, somos colocados em comunhão com nosso grande Sumo Sacerdote.

Nossa oração por eles aumentará nosso amor e estima por eles. Não podemos carregá-los em nossos corações diante do trono da graça sem valorizar em nossos próprios corações uma verdadeira afeição por eles. A melhor maneira de superar um espírito amargo para um irmão que o ofendeu, é estar em muita oração por ele.

Estamos crescendo em nosso conhecimento da Palavra quando somos ensinados sobre o cultivo adequado do amor cristão. Sugerimos duas ou três regras para isso. Primeiro; reconhecendo no início que

assim como eles têm falhas, nós também temos. “Esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef 4:3) é uma grande admoestação sobre este assunto que cada um de nós precisa colocar no coração. É certamente impressionante notar que a primeira qualidade do amor espiritual nomeado em 1 Coríntios 13:7 é que ele “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

Segundo; a melhor maneira de cultivar qualquer virtude ou graça é exercendo-a. Falar e teorizar sobre alguma coisa não vale nada a menos que seja levado para ação. Muitas são as reclamações ouvidas hoje sobre a pequenez do amor que está se manifestando em muitos lugares. Essa é mais uma razão pela qual eu deveria procurar ser um exemplo melhor! Não permita que a frieza e a indelicadeza dos outros esfrie seu amor, mas “vença o mal com o bem” (Rm 12:21). Medite em 1 Coríntios 13 pelo menos uma vez por semana.

Terceiro, acima de tudo, faça com que seu próprio coração se aqueça na luz e no calor do amor de Deus. Quanto mais você está realmente ocupado com o amor infalível e insondável de Cristo para você, mais seu coração será transformado para amar aqueles que são

d'Ele. Uma bela ilustração disso é encontrada no fato de que o apóstolo em particular que escreveu mais sobre o amor fraternal foi aquele que se inclinou sobre o seio do Mestre. O Senhor conceda toda a graça necessária ao leitor e ao escritor para observar essas regras, para o louvor da glória de Sua graça, e para o bem de Seu amado povo.

“Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:6).



Quem foi A. W. Pink?

Arthur Walkington Pink nasceu em *Nottingham*, Inglaterra. Era filho de um comerciante de milho, um devoto não-conformista de denominação incerta, embora provavelmente um congregacionalista. Quase nada se sabe sobre a infância ou educação de Pink, exceto que ele tinha habilidade e treinamento em música. Quando jovem, Pink se juntou à Sociedade Teosófica, um grupo gnóstico ocultista na Inglaterra contemporânea, e alcançou proeminência suficiente dentro de suas fileiras que *Annie Besant*, sua chefe, admitiu-o em seu círculo de liderança. Em 1908 ele renunciou à Teosofia para seguir o cristianismo.

Desejando se tornar um ministro, mas não querendo frequentar uma faculdade teológica liberal na Inglaterra, Pink estudou muito brevemente no *Moody Bible Institute* em Chicago em 1910 antes de assumir o pastorado da igreja Congregacional em *Silverton*, Colorado. Em 1912 Pink deixou *Silverton*, provavelmente para ir à Califórnia, e então assumiu um pastorado em um conjunto de igrejas na zona rural de *Burkesville* e *Albany, Kentucky*. Em 1916, ele se casou com *Vera E. Russell* (1893-1962), que havia sido criada em *Bowling Green, Kentucky*, e o próximo pastorado de Pink foi na Igreja Batista de *Scottsville, Kentucky*. Em seguida, os recém-casados se mudaram em 1917 para *Spartanburg*, Carolina do Sul, onde Pink se tornou pastor da *Igreja Batista Northside*.

A essa altura, Pink havia se familiarizado com proeminentes fundamentalistas dispensacionalistas, como *Harry Ironside* e *Arno C. Gaebelin*, e seus dois primeiros livros, publicados em 1917 e 1918, estavam de acordo com essa posição teológica. No entanto, os pontos de vista de Pink estavam mudando, e durante esses anos ele também escreveu a primeira edição de *The Sovereignty of God* [A Soberania de Deus] (1918), que

argumentava que Deus não amava os pecadores que não haviam sido predestinados para a salvação, e que Ele havia deliberadamente criado “para condenação” aqueles que não confessaram a Cristo. Seja por causa de seu ponto de vista calvinista, sua dedicação aos estudos, sua saúde debilitada ou sua falta de sociabilidade, Pink deixou *Spartanburg* em 1919 acreditando que Deus “faria que eu me entregasse à escrita”. Continuou ensinando a Bíblia - com algum sucesso - na Califórnia para um evangelista de tenda chamado Thompson enquanto continuava seu intenso estudo dos escritos puritanos.

Em janeiro de 1922, Pink começou a publicar uma série de *Studies in the Scriptures* [Estudando as Escrituras], que no final do ano seguinte tinha cerca de mil assinantes, que ocuparia a maior parte de seu tempo pelo resto de sua vida e se tornaria a fonte de dezenas de livros. Em 1923, Pink sofreu um colapso nervoso e ele e sua esposa foram morar com amigos na Filadélfia até que ele recuperasse a saúde. Em 1925, os Pinks embarcaram para Sydney, Austrália, onde serviu como evangelista e professor da Bíblia no *Ashfield Tabernacle*. Mas sua pregação impolítica da doutrina calvinista resultou em uma resolução unânime do Fraterno

Batista de Nova Gales do Sul de não o endossar. De 1926 a 1928, Pink serviu como pastor de dois grupos de Batistas Particulares.

Voltando à Inglaterra, Pink foi convidado a pregar em uma igreja sem pastor em Seaton, Devon; mas embora ele tenha sido bem recebido por alguns membros, os supervisores pensaram que sua posse como pastor dividiria a igreja. Na primavera de 1929, Pink e sua esposa retornaram ao seu estado natal, Kentucky, onde ele pretendia se tornar pastor da igreja batista em *Morton's Gap*. Mais uma vez suas esperanças não foram concretizadas. Para um amigo, ele escreveu:

“Estou mais firmemente convencido hoje do que há 14 meses de que nosso lugar é ‘fora do campo’. Esse é o lugar da ‘censura’, da solidão e do teste.”

Em 1930 Pink conseguiu iniciar um curso bíblico em Glendale, Califórnia, enquanto também recusava oportunidades de falar em algumas igrejas fundamentalistas. No ano seguinte, os *Pinks* alugaram uma casa de madeira, sem pintura, em *Union County*, Pensilvânia, onde um pequeno grupo se reunia; então, em 1933, eles se mudaram para York, Pensilvânia.

Pink decidiu que se seu ministério fosse totalmente escrito, ele poderia fazer isso estando na Inglaterra. Em setembro de 1934, ele e sua esposa mudaram-se para *Cheltenham, Gloucestershire*. Pink parece ter finalmente dado lugar ao desespero. A um amigo, ele escreveu “que aqueles de meus amigos que gostariam muito de me ajudar são impotentes para fazê-lo; enquanto aqueles que poderiam, não o farão. E em poucos anos, será tarde demais. Nos últimos sete anos está se evidenciando tanto em minha constituição física e mental, que em breve estarei incapacitado mesmo que as portas se abrissem para mim. Mas assim, ainda irei dizer: ‘Não a minha vontade, mas a tua seja feita.’”

Em 1936, os Pinks mudaram-se para *Hove*, na costa sul, perto de *Brighton*. Após a morte de seu pai em 1933, Pink recebeu o suficiente da propriedade para permitir que ele e sua esposa vivessem de forma muito simples, sem preocupações financeiras; e entre 1936 até sua morte em 1952, Pink se dedicou totalmente aos Estudos das Escrituras. *Vera* acreditava que o horário de trabalho quase implacável de seu marido era insalubre, e ela notavelmente conseguiu que ele adotasse a coleção de selos como um hobby. Em 1940, *Hove* tornou-se um

alvo regular de ataques aéreos alemães, e os Pinks se mudaram para *Stornoway, Ilha de Lewis, Hébridias Exteriores, Escócia*, onde permaneceram pelo resto de suas vidas.

A ilha era um bastião do calvinismo, mas os cultos da igreja eram realizados principalmente em gaélico escocês, e os visitantes não eram bem recepcionados. Pink governava seu tempo de estudo e escrita com “precisão militar”. A um amigo, ele escreveu que saía para fazer compras e se exercitar por uma hora, seis dias por semana, mas que, de outra forma, nunca deixava seu escritório, exceto quando trabalhava em um pequeno jardim. Enquanto estava em *Hove*, ele até publicou uma nota em *Studies* falando aos assinantes de que “não é conveniente para nós recebermos visitantes e respeitosamente pedimos aos leitores que visitam nossa região, que se abstenham de nos visitar, mas observe que estamos sempre felizes em ter notícias de amigos cristãos”. Em vez de ir à igreja, nas manhãs de domingo, Pink passava algum tempo ministrando aos leitores por meio de suas cartas.

Em 1951, Vera percebeu que Pink estava enfraquecendo. Ele perdia peso e sentia dores, mas

recusou-se a tomar qualquer remédio que pudesse entorpecer sua mente e impedi-lo de completar seu trabalho. Ele morreu em 15 de julho de 1952. Suas últimas palavras foram “**As Escrituras se explicam**”. Pink deixou material escrito suficiente para permitir a publicação de *Estudies* até dezembro de 1953. *Vera Pink* viveu por mais dez anos após a morte de seu marido, fazendo assim novos amigos e se misturando mais com os outros.

I n f l u ê n c i a

Alega-se que a personalidade de Pink tornou difícil para ele ter um ministério pastoral de sucesso. Ele foi criticado por ser muito individualista e por ter temperamento muito crítico. Um jovem pastor, *Rev. Robert Harbach*, que se correspondeu com Pink durante anos, mencionava um *Pink* muito diferente, que possuía um “coração de pastor”. A correspondência de Pink com *Harbach* (até que a saúde debilitada de Pink encerrou sua correspondência em 1949) foi calorosa, sincera e paternal. No início de sua correspondência, Pink escreveu: “Quero que você se sinta perfeitamente à vontade para me chamar para qualquer ajuda que eu

possa prestar a você. Estou em contato com vários jovens pastores e considero como parte do meu trabalho, um privilégio oferecer o conselho que eu puder oferecer.”

O aclamado contemporâneo de Pink, *Dr. Martyn Lloyd-Jones*, recebeu benefícios espirituais ao ler Pink e o recomendou a outras pessoas. Para um jovem ministro, ele disse: “Não perca seu tempo lendo *Barth* e *Brunner*. Você não obterá nada deles para ajudá-lo na pregação. Leia Pink”.

Teologicamente Pink foi rejeitado durante sua vida por causa de sua oposição ao Arminianismo; mas após sua morte, houve uma grande mudança de opinião evangélica em direção à teologia calvinista. Em 1982, a *Baker Book House* publicou 22 livros de Pink e vendeu 350.000 cópias no total. No entanto, foi o livro *a Soberania de Deus* de Pink que fez “mais do que qualquer outro livro em redirecionar o pensamento de uma geração mais jovem”. Depois que *Banner of Truth Trust* o republicou em 1961 - modificando-o para remover o suposto hiper calvinismo de *Pink* - o livro vendeu 177.000 cópias em 2004.

*Outros títulos
produzidos por nós*



A Cruz
J.C. Ryle

O que você pensa e sente a respeito da cruz de Cristo? As vezes você vive em uma nação cristã. Provavelmente frequenta o culto de uma igreja cristã. Talvez tenha sido batizado em nome de Cristo. Professa e pensa ser um cristão. Tudo isto é o que se pode dizer de milhões no mundo. Mas tudo isto não é resposta à minha pergunta: "O que você pensa e sente sobre a cruz de Cristo"?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Um Guia Seguro para o Céu Joseph Allaine

Alguns de vocês não sabem o que quero dizer com conversão, e em vão tentarei persuadi-los a algo que vocês não entendem. Portanto, para o seu bem, vou mostrar **o que é conversão**.

Outros nutrem esperanças secretas de misericórdia, embora continuem como estão. Para eles devo mostrar a **necessidade da conversão**.

Outros tendem a se endurecer com a vã presunção de que já estão convertidos. A eles devo mostrar **as marcas dos não convertidos**.

Outros, porque não sentem nenhum mal, não temem nenhum, e dormem como no topo de um mastro. A eles mostrarei a **miséria dos não convertidos**.

CLIQUE AQUI PARA LER

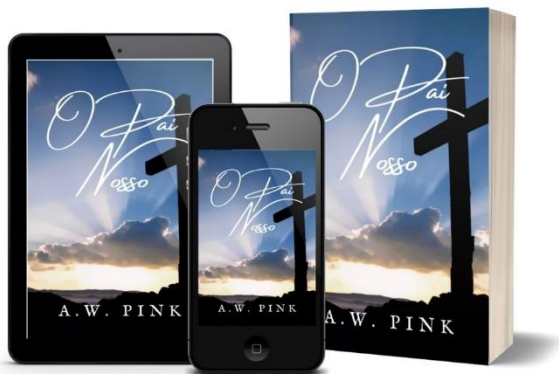


Satanás e Seu Evangelho

A.W. Pink

Tendo sido frustrado e derrotado então, em todos os pontos; tendo falhado em impedir a encarnação de nosso abençoado Senhor, tendo falhado em impedi-Lo de oferecer a Si mesmo como sacrifício pelo pecado, tendo falhado em manter Seu corpo nos confins da sepultura, cabe a nós indagar se Satanás desistiu em desespero ou não, se ele deixou de atacar a pessoa e a obra do Senhor Jesus, se ele mudou sua atitude em relação ao Filho amado de Deus; ou, se ele ainda está processando seus desígnios perversos, ainda se esforçando para frustrar os propósitos de Deus e se ele está ou não, agora, visando anular as virtudes da morte expiatória de Cristo.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Pai Nosso
A.W.Pink

"Santificado seja o Teu nome". Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra "santificado"? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de "santificado seja o Teu nome"? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?

CLIQUE AQUI PARA LER



A Rara Joia do Contentamento Cristão Jeremiah Burroughs

O mistério do contentamento cristão será a obrigação, a glória e a excelência de um cristão.

- A natureza do contentamento cristão: O que é isso (Cap.1)
- A arte e o mistério disso (Cap.2)
- Quais lições devem ser aprendidas para trazer contentamento ao coração. (Cap. 3)
- No que principalmente consiste a gloriosa excelência dessa graça. (Cap.4)

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Importância da Bíblia **J.C. Ryle**

Ao lado da oração não há nada tão importante na religião prática como a leitura da Bíblia. Deus misericordiosamente nos deu um livro que é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3:15). Lendo esse livro podemos aprender sobre o que acreditar, o que ser e o que fazer; como viver com conforto, e como morrer em paz. Feliz é aquele homem que possui uma Bíblia! Mais feliz ainda é aquele que a lê! O mais feliz de todos é aquele que não só lê, mas o obedece, e faz dela a regra de sua fé e prática!

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Atleta Celestial **John Bunyan**

Amigos, Salomão diz que “O preguiçoso morre desejando” (Pv 21:25); e se assim for, o que a própria preguiça fará com aqueles que a entretêm? O provérbio é: “o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Pv 10:5). E isto ousou dizer: nenhuma vergonha maior pode acontecer a um homem do que ver que ele enganou sua alma e pecou a vida inteira. E tenho certeza de que esta é a próxima maneira de fazer isso; ou seja, ser preguiçoso – preguiçoso, eu digo, na obra da salvação. A vinha do homem preguiçoso, em referência às coisas desta vida, não está mais cheia de sarças, urtigas e ervas daninhas fétidas do que aquele que é preguiçoso para o céu, tendo seu coração e alma sufocados; maldito pecado.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Deus Acima do Tempo
Angus Stewart

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Nas Pegadas do Cordeiro
George Steinberge

Na vida cristã nossa relação é com uma pessoa, não com uma doutrina. Ele nos deixou um exemplo. Podemos ser desviados pelas doutrinas, e podemos nos cansar delas [embora devamos nos esforçar para não fazê-lo], mas nunca nos cansamos de olhar para o Cordeiro e caminhar em Seus passos. Vamos passar toda a eternidade adorando o Pai porque Ele nos deu o Cordeiro, não só como uma oferta ao pecado, mas também como guia! E como isso é abençoador para nós, especialmente em nosso tempo em que tantas vozes conflitantes chamam: "Aqui está o Cristo!" e "Veja! Ele está lá!"

CLIQUE AQUI PARA LER



Orgulho e Humildade **C.H. Spurgeon**

Quase todo evento tem seu prelúdio profético. É um ditado antigo e comum, que “os próximos eventos lançam suas sombras antes de acontecer”; o homem sábio nos ensina a mesma lição no versículo diante de nós. Quando a destruição caminha pela terra, ela lança sua sombra; está na forma de orgulho. Quando a honra visita a casa de um homem, ela lança sua sombra; está na forma da humildade. “Antes da ruína, gaba-se o coração do homem”.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Praticando a Presença de Deus **Irmão Lawrence**

Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam as flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia se dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram.

CLIQUE AQUI PARA LER